

TCC/UNICAMP
Sa77s
IE/827



1290000827



IE

TCC/UNICAMP Sa77

M O N O G R A F I A

T I T U L O :

O S S A L A R I O S

N O P L A N O C R U Z A D O :

U M E S T U D O D E C A S O



O R I E N T A D O R :

A L E X A N D R E L O L D I A N

O R I E N T A N D O :

A G U I N A L D O J O S E

S A R T O R A T O

R A 8 7 0 0 2 4

Caracterização geral do ano de 1985.

Durante o passar do ano, os princípios da ortodoxia que o FMI tinha implantado no país, foram gradativamente sendo substituídos, dando uma reorientação no crescimento econômico do país.

Com o FMI a orientação era de controle das finanças públicas e inflação, produzindo saldos na balança comercial que poderiam ser transferidos para os credores externos (mesmo com a orientação econômica sendo seguida, a inflação salta de um patamar de 100% em 1981/82 para um patamar de 230% em 1983/84).

Deste modo em 1985 o desempenho alcançado pela economia superam o dos anos anteriores. Para os vários setores temos os seguintes crescimentos com relação a 1984:

Agropecuária	8,8%
Ind. Extrativa Mineral.....	11,5%
Ind. de Transformação.....	8,3%
Ind. Construção Civil.....	11,3% *
Serviços Util. Pública.....	10,8%
Comércio.....	8,7%
Comunicações.....	16,9%
Governo.....	2,4%
Intermediações Financeiras.....	10,0%

Com todos esses resultados obtidos durante o ano

de 1985 ocorreram a elevação do salário médio real, aumento do emprego, expansão da massa salarial e aumento do consumo, devesse ter porém em observação que os salários mais altos, da indústria, tiveram ganhos maiores que os mais baixos.

A liderança no setor industrial era dos bens de consumo duráveis seguido de perto pelos bens de capitais, o que mostra uma recuperação do investimento privado.

No último trimestre de 1985 ocorre uma aceleração da inflação, já que com o aumento da demanda interna permitiu aos setores que, durante a crise durante a crise 1981/84 tiveram sua rentabilidade reprimida, puderam agora, recuperá-la.

Este aumento do consumo interno mais o aumento das exportações que ocorreram durante os anos de crise estão agora sendo supridos pela utilização da capacidade ociosa existente, que surgiu durante a própria crise. Mas que continuando neste ritmo logo estaria esgotada, necessitando de novos investimentos no ano de 1986.

O Deficit Operacional do governo em 1985 ampliou-se para 3,8% do PIB, sendo que em 1984 tinha sido de 1,6%, e o deficit de caixa foi de 5,5% do PIB. Deste último 86,3% correspondia a encargos sobre a dívida do setor público, aqui torna-se clara que a dívida tem um aspecto agora acima de tudo financeiro.

* Este crescimento corresponde a obras não residenciais.

A Nova República : O Começo

O primeiro conjunto de medidas tomadas pelo novo governo, podem ser vistas como ecléticas, combinando uma visão ortodoxa, no combate a inflação através do controle do Deficit público para combater a inflação com uma política salarial mais generosa.

A inflação é vista pelo lado monetarista, como causa do descontrole do gasto público, aumento da base monetária e conseqüentemente dos preços, desconsiderando totalmente o lado financeiro da dívida.

Assim, cortou-se os gastos públicos (ativos do governo) e aumentou-se a carga tributária, contraiu-se o crédito, limitações para rolagens do déficit das estatais e reativação do controle de preços. Modificou-se a formula de correção monetária, para que não sinalizasse, como acontecia anteriormente, com muita antecedência a taxa de juros ao mercado financeiro o que produzia grande estabilidade a este. Elevou-se a taxa de juros dos títulos para que se colocasse em grandes volumes tais títulos, e sob a tese de que isto não geraria mais inflação.

No meio deste sistema, aparecia a SEPLAN com uma visão diferente sobre as causas da inflação, dizendo que esta advinha do encargo financeiro da dívida, que elevava o déficit público.

Mas seguindo a orientação primeira, diminui-se os investimentos e gastos governamentais.

Num primeiro momento a queda da inflação acontece, resultado em grande medida do congelamento dos preços públicos. Com isto passa a ocorrer um diferencial entre a correção monetária e a cambial, inflação cambial, com aumento das taxas de juros, significando uma deteriorização de vários segmentos da economia, endividando em particular, o governo e as empresas estatais, que levavam a um aumento do déficit de caixa, aumento dos encargos da dívida, aumento dos depósitos em moeda estrangeira junto ao Bacem, aumentando os encargos destes depósitos.

Com o crescimento da massa salarial em 1985 e a elevação das taxas de juros, alguns preços mostram a tendência a acelerarem seus reajustes. Os preços no varejo crescem mais rápido que no atacado a partir de maio do ano em questão.

Em agosto de 1985, a inflação passa a ser maior do que a correção monetária e aí inicia-se a evasão das cardenetas de poupança e títulos de renda fixa, em direção a especulação de ativos reais e mercado de risco, parte vai para aquisição de bens de consumo duráveis e uma grande parte, vai para especulação com produtos agrícolas, o que fez com que o preço destes subissem ainda mais em agosto. Este diferencial entre inflação e a correção monetária faz com que se torne inviável a rolagem da dívida pública.

A nova política econômica.

Em agosto há a substituição de Francisco Dornelles por Dilson Funaro com a ajuda de Pêrsio Arida, que passa a tomar medidas emergenciais para controle da inflação,

que são:

- Nova fórmula de correção monetária equiparando-a a Inflação.

- Política monetária menos ativa, para reduzir a taxa de juros paga na colocações de títulos da dívida pública, na ordem de pelo menos 30%.

- Controle de preços, com aumento moderado para preços públicos, impostos e alimentos.

- Restrições ao crédito para o consumidor, pressão para moderação das reivindicações salariais, tentando assegurar o crescimento do mercado interno, compatível com o crescimento da produção.

As mudanças na estrutura tributária consistiam em:

- O imposto de renda retido na fonte deveria ser o suficiente para compensar o IR da declaração anual (sistema de bases correntes).

- IR Jurídico, as empresas passam a pagar IR semestralmente evitando, assim a diluição dos tributos provocados pela Inflação.

Outras medidas:

- Encerramento da conta movimento do Banco do Brasil. Com tal conta o Banco do Brasil, sacava junto ao tesouro o dinheiro que quisesse o que impedia o controle efetivo da base monetária pelo Bacem.

- Autorização do conselho monetário nacional, para importação de alimentos já que com a seca de 1985 indicava safra sensivelmente menor que a prevista.

Quanto a mudança da correção monetária unificam-se os índices de reajustes através do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Ampliado (IPCA), da FIBGE como o oficial da inflação.

Mais tais medidas, não seguram a inflação. A indexação financeira agindo como uma correia para transmissão das elevações de preços.

Em 1985 ocorreram mudanças nos preços relativos, permitidos pela expansão da massa salarial e crescimento do mercado interno.

No setor agrícola, há um aumento de preços considerado, devido a especulação e a colocação incorreta de estoques reguladores e produtos importados.

No setor industrial, como no de bens de consumo duráveis, há um aumento de custo devido ao aumento dos preços agrícolas, aceleração da inflação e decorrente do esgotamento da capacidade produtiva em alguns subsetores, como o têxtil e vestuário.

Setores como a agroindústria e insumos básicos, há a dupla pressão do crescimento do mercado interno e das exportações para viabilizar saldos positivos na Balança Comercial.

Do ponto de vista cambial a situação estava tranquila, devido a desvalorização do dólar frente as moedas européias o que garantia boa folga para o cruzeiro.

Até o começo do ano de 1986 Funaro acreditava ser possível deter a inflação com um acordo de cavalheiros com a indústria, quando em fevereiro a inflação se nos-

tra incontrolável, não resta alternativa e o governo não vê outra alternativa a não ser decretar o plano cruzado, plano este que já estava em mão do governo e ainda não havia sido utilizado pois Funaro esperava deter a inflação sem ter de utilizá-lo, mas a algum tempo o plano vinha sendo estudado e preparado para esta situação, em que se acabou por encontrar a economia Nacional.

Segundo a visão dos economistas que montaram o plano a economia era oligopolizada, o que permitia as empresas repassarem qualquer majoração de seus custos aos preços, fosse esta decorrente de aumentos salariais, matérias primas, custos financeiros, numa indexação permanente já que estes aumentos são custo para outras empresas que tornam aumentar seus preços e assim por diante.

Deste modo teríamos uma inflação inercial na qual se não houvesse nenhum fator relevante na economia como um choque agrícola por exemplo, o patamar de inflação se manteria de um ano para outro igual, já que os agentes tomariam por base a inflação passada. Assim o empresário, repassa a inflação passada aos preços, para que eles se recomponham a níveis anteriores (recomposição de preço pelo pico) mas alimentando deste modo a inflação futura. Assim nesta visão deveria-se acabar com tal indexação. O choque ortodoxo não era bem visto pois, segundo estes economistas, tal choque acabaria com a inflação formal sobre salários, cambio, investimentos diminuiriam, mas nada garantiria que os reajustes de preços pelos empresários, que é a indexação informal acabaria.

Assim com bases no choque Heterodoxo, as medidas a serem tomadas seriam :

- Congelamentos de Preços e Salários.
- Desindexação de salários, ativos financeiros e cambiais.
- Políticas monetárias e fiscais passivas, isto é não provocando nem expansão e nem contração desnecessário do nível de atividade econômica
- Após o descongelamento previsto para um certo período, os preços seriam controlados para que os muitos defasados fossem reajustados adequadamente.

Em 28 de fevereiro de 1986 o Plano Cruzado é anunciado da seguinte forma por rede nacional de televisão:

- Congelamento no Varejo de Todos os Preços da economia a níveis de 27 de fevereiro.
- Criação do cruzado, valendo 1000 cruzeiros.
- Conversão para cruzado de todos os preços e contratos anteriores a 28 de fevereiro expresso em cruzeiros de acordo com critérios específicos.
- Fixação da taxa de câmbio.
- Extinção dos indexadores com exceção para a poupança, FGTS, PIS e salários.
- Substituição da ORTN pela OTM e fixação de seu valor por um ano.

Com o congelamento e tabelamento temos desalinha- dos preços relativos da economia, sendo que os Públicos ficam muito abaixo da média.

Os descontos através da tabela de conversão editada

pelo governo, tinha como intenção, diminuir o valor de produtos vendidos a prazo que tinham a inflação futura imbutida, e serviu em parte também para fazer um pequeno realinhamento de preços.

Para se chegar ao valor dos salários modificados pelo plano, eram feitos alguns calculos para reconversão deste a cruzado, com abono de 8% para todos salários e de 15% para o salário mínimo. Mas como isto é uma questão que ainda levanta muitas será discutido mais detalhadamente mais a frente.

Quanto a data base dos trabalhadores:

No primeiro decreto o de número 2283 criou-se imensa confusão foi editado novo decreto o 2284, que mantém as datas bases como eram antes do decreto, para todas as categorias. Mas acaba com os reajustes semestrais.

Na questão da livre negociação, os ganhos de produtividade que fossem dados aos salários não poderiam ser repassados aos preços. Os trabalhadores receberiam na data base 60% da inflação do período e os 40% restantes seriam negociados livremente, sendo impedido o repasse para os preços.

Quanto ao dissidio, se não houvesse um acordo entre empregados e patrões a questão seria julgada por Tribunais de Trabalho Regionais. Não era permitido, sentença judicial que decretasse aumento de salário a titulo de reposição, apenas a titulo de produtividade, mas este deveria ser justificado tecnicamente.

Quanto a escala móvel, foi criada para proteger os salários, e toda vez que a inflação chegasse a 20%, os salários seriam reajustados automaticamente, de acordo

com o Índice de Preços ao Consumidor. A inflação seria contada a partir de março de 1986, até a data base de cada categoriae ai se zerariam as mesmas sendo que o salário receberia 60% da inflação se esta não chegasse a 20%.

A neutralidade da reforma monetária.

Com este plano tenta-se eliminar a memória da inflação inercial da economia brasileira. Mas isto deveria ser feito sem que os preços relativos, a produção e o emprego fossem afetados, isto é, deveria haver uma neutralidade monetária, isto só aconteceria se as taxas de inflação estivessem estabilizadas isto é num patamar estável.

Com isto tenta-se diminuir o imposto inflacionário que é cobrado das atividades produtivas, e dos assalariados principalmente, diminuindo o emprego e o lucro nas atividades que se beneficiam com a inflação.

No Brasil, o plano cruzado veio num momento em que o patamar da inflação estava se elevando o que trouxe diferenças entre os preços relativos, que já estavam desalinados desde 1985 com o controle de preços do governo, como as tarifas públicas por exemplo. Os preços congelados abaixo do que deveriam ser representam inflação represada que mais tarde pressionaria a política econômica do governo, trazendo dificuldades ao plano de estabilização.

O seguro desemprego.

Nascido no meio do plano como meio de abrilhantar o pacote, temos o seguro desemprego, que na verdade, é algo importantíssimo, pois é um direito que os trabalhadores a muito tempo perseguia e só naquele momento, chegou a suas mãos. Tinha como pontos básicos:

- Cobertura limitada ao setor formal da economia;
- Período de carência para o recebimento do seguro;
- Período limitado de recebimento do benefício;
- Inexistência da possibilidade de se ver acumulado a outro benefício;
- Vinculação do seguro desemprego ao salário recebido;
- Utilização de um fundo especificamente criado para este fim, o F A D;

É lógico que eram benefícios restritos, devido ao período de carência, tempo limitado de recebimento e de não abranger a economia informal e o sub-emprego. Mas com este seguro a questão que se punha daquele momento em diante, era o de aperfeiçoamento e melhoria do benefício, pois já estava instaurado e não existe registro de nenhum seguro desemprego, que após ter sido instaurado tenha sido removido pelo governo, já que seria uma ação impopular.

Um fator importante da mudança do cruzeiro para o cruzado, e de que a mudança de nome não é apenas algo simbolico, mas uma tentativa de acabar-se com as duas moedas que existiam na economia, isto é a DRTM e o cruzeiro, que se desvalorizava sempre, por uma moeda de valor constante, tentando assim um efeito psicológico sobre a economia.

Uma das causas da inflação era a de que cada classe social tentava manter a sua parcela da renda nacional intocável, tentava-se isto através dos reajustes de preços para manter o lucros, salários para se manter a renda dos trabalhadores, e outros. Mas como a somatória de todas estas parcelas eram no fim maior do que a renda nacional criava-se um hiato inflacionário. Com Plano há uma redistribuição na renda.

Quanto aos salários uma primeira analise parece mostrar que houve alguma perda pois se perde o dito "salário real de pico" por um salário médio dos ultimos seis meses, mesmo com abono de 8% (tal ponto será revisito mais a frente)

Quanto aos bancos, que ganhavam com os depósitos à vista, que não eram corrigido pelos bancos mais cujos valores eram aplicados no mercado financeiro, ganhando-se mais ou menos 15% ao mês antes do plano, já que a inflação cai após o plano, os bancos perdem esta fonte extra de ganhos.

Quanto aos empresários e suas empresas, temos que a grande mudança está ligada a diminuição dos lucros não operacionais, que em alguns casos eram maiores do que o operacional devido a inflação.

Muitas empresas como os supermercados por exemplo, compravam com um prazo para o pagamento a seus fornecedores, marcavam o preço num patamar mais baixo para enfrentar a concorrência, vendiam assim rapidamente seus estoques e até pagarem aos fornecedores, aplicavam o dinheiro no Over, onde obtinham seus lucros maiores. Assim além de fonte de lucros extras, este tipo de operação era uma arma contra a concorrência. Mas mesmo nos setores onde o mercado não é tão competitivo, e não havia a necessidade de se remarcar o preço mais baixo, ganhava-se assim no lucro normal operacional e no não operacional.

Com o plano o Over passa a ser utilizado apenas para saldo de caixa. Outras mudanças ocorridas advindas do plano:

- Término do super dimensionamento de estoques, pois comprava-se insumos e matérias primas, mantendo o produto pronto para a venda em estoques, o que com a aceleração da inflação obtinha-se maiores lucros.

- Término da correção do balanço das empresas, onde através de exercícios contábeis se reduziam as taxas e impostos sobre os lucros.

- Com o fim da inflação não se podia mais ganhar com o dinheiro do ICM e IFI, que era aplicado no Over até o dia de seu Pagamento.

- As empresas não poderiam mais utilizar o seu Mark-up, principalmente em vendas a prazo, diminuindo

assim as margens de lucros.

Assim com o plano tenta-se eliminar a orientação especulativa das empresas em prol da visão empreendedora e do capital produtivo e mais eficiente.

As três fases do plano de estabilização econômica.

A primeira fase: Logo após a implantação do plano.

Logo após a decretação do plano com o efeito redistributivo do plano, gerado em parte pelo que j'a dissemos acima e pelo plano ter eliminado as diferenças de reajustes entre salários e preços, alguns preços desalinham-se abaixo do que seriam realmente. Tem-se assim um aumento do consumo provocado por tal redistribuição e pela antecipação do consumo devido a queda no volume aplicado no Over e Poupança, além também da idéia geral de que tal congelamento não duraria para sempre e seria então melhor consumir o quanto antes.

Com isto começam a surgir problemas como :

Próximo de julho de 1986 a oferta se torna menor que a procura, surgem desde o começo do plano meios de fugir ao tabelamento através da maquiagem dos diversos produtos. O que trás problemas para a tentativa de uma inflação Suíça.

Neste primeiro momento temos um aumento de rentabilidade nas empresa mas agora não devido a lucros não operacionais, isto é devido ao aumento nas vendas, no retorno sobre o patrimônio.

Os investimentos que já em 1985 eram necessários

não ocorrem, apenas nos Bens de consumo duráveis e alguns bens de capitais.

O déficit do Governo aumenta já que as tarifas estavam defasadas, diminuiu a captação para os títulos da dívida pública e assim o governo que poderia dar uma reorientação aos investimentos privados, não o faz por falta de disponibilidades financeiras.

Temos com esta expansão economica geral do inicio do plano, um aumento do número de emprego e da massa salarial.

A segunda fase do plano após julho de 1986.

Em julho de 1986 temos na indústria que a capacidade ociosa em varios setores aproxima-se de zero. Precisa-se assim dar um novo rumo ao Plano de modo a abaixar o consumo pelo menos a curto prazo e incentivar os investimentos, para cobrir essa defasagem que estava ocorrendo entre oferta e demanda.

Assim corta-se o crédito para consumo e cria-se o FND, compulsórios sobre a gasolina, aumenta-se o imposto sobre o Over, mas todas estas medidas tem pequeno impacto sobre o consumo.

Se faz outra mudança na área financeira, mudando-se da OTN para a LBC, uma tentativa de poder se aumentar as taxas de juros e diminuir o consumo consequentemente. Mas com isto aumenta-se também os custos das empresas o que torna ainda mais dificil manter o congelamento.

Mesmo com todas estas medidas continua-se crescendo o consumo, já que há aumentos de salários reais prin-

principalmente para mão de obra qualificada, e aumento da massa salarial devido ao aumento de emprego no período (tais fatores serão analisados mais especificamente a diante na parte sobre mercado de trabalho), o que faz com que os ágios aumentem e se multipliquem por toda economia. Com o aproximamento das festas natalinas, tais fatores se fortificam.

O saldo da balança comercial diminui durante este período já que com o aumento do consumo interno e com cambio fixo até este momento, as exportações tornam-se menos vantajosas e o mercado interno mais atraente e com capacidade para consumir.

O final do Plano !!!

Em fins de 1986 e começo de 1987 o plano vai sendo desmontado junto com toda sua politica economica, a economia volta a ser indexada, abandona-se o controle de preços e salários. Tenta-se conter a demanda agregada mas principalmente pressionando o setor assalariado deixando os demais setores da economia mais folgados.

O cambio volta a ser indexado, com minidesvalorizações diárias. A LBC passa a ser o novo indexador da economia, baseada na inflação passada, o qual o cambio também acompanha.

O governo não pode mais controlar os preços, pois os custos das empresas subiram muito, obrigando a esta a reajustarem seus preços, além do que no setor competitivo da economia tal controle ter tido uma ação quase nula, devido a maquiagem de produtos, mudanças de nomes, embalagens, etc.

Os salários com o gatilho, nunca mais voltariam ao pico, já que o excedente ficava para o próximo reajuste, mas perdiam menos, já que o tempo agora não era fixo entre os reajustes.

Os desabastecimentos tornam-se mais frequentes e numerosos, a capacidade da indústria em vários setores aproxima-se de zero. Há falta de investimentos, para o controle da demanda agregada utiliza-se um ajuste fiscal, elevando-se impostos indiretos que atingem 4,5% do PIB. Aumenta-se o IPI sobre carros combustíveis, cigarros, bebidas. Mas não se mexe em incentivos e subsídios. O dinheiro arrecadado não é utilizado para zerar o déficit do governo, vai para o Fundo Nacional de Desenvolvimento, o que acaba trazendo influências negativas para o investimento programados. Lx

A indústria no ano de 1986.

Num primeiro balanço geral a indústria teve um crescimento em torno de 10,9% na média de todos os setores; mas com poucos investimentos, principalmente na área de siderurgia, insumos e bens intermediários, o que trouxe desabastecimento destes produtos ao longo do ano.

A indústria já vinha crescendo desde o segundo semestre de 1985, devido a política expansionista do governo, a diminuição do IR retido na fonte e aumento da massa salarial.

Em março de 1986 há uma queda no nível de atividade da economia, mas foi devido apenas a ajustes nas diferenças de preços e lucros entre os setores, que ocor-

reu logo após a decretação do plano.

Em abril a indústria volta a crescer, principalmente os setores de Bens de consumo duráveis, bens de consumo não duráveis, e alguns setores de bens de capital. Este último tem seu crescimento baseado não no aumento dos investimentos em novas plantas produtivas, mas sim, na modernização das já existentes.

Em junho a uma parada no crescimento já que passa a acontecer um desabastecimento de insumos e bens intermediários. Que tiveram um crescimento menor que os três primeiros, além do que já vinham tendo um pequeno investimento desde 1985 já que a economia tinha um compromisso com a exportação, e não cedia lugar ao seu crescimento.

A cobrança de ágios nos insumos e bens intermediários não seria um problema muito serio para o resto da indústria pois neste caso o aumento de escala de produção compensaria este aumento primário. Na verdade não havia os produtos pela demanda ser maior que a oferta.

Em Outubro passa a ocorrer escassez de veículos, bens de consumo duráveis tais como os da linha branca (geladeiras, fogões, etc...), produtos farmaceuticos e têxteis. Que em novembro com o aumento de IPI que foi decretado, piorou a situação.

No início do plano cruzado há um aumento das exportações, mas que com o câmbio congelado passa a ser desestimulante para a indústria, fazendo com que o saldo da balança comercial diminua com o decorrer do plano.

Como não há investimentos em insumos e bens intermediários, nem em 1985 e nem em 1986, estes no final de 1986 estão sobreutilizados, e só no final do ano passa a

surgir uma fonte de financiamento a longo prazo.

Os bens de consumo não duráveis como, alimentos, vestuário, detergentes, farmácia, cerveja, respondem mais rapidamente com seus investimentos. Os bens de capitais seriados crescem e tem algum investimento. Já os bens de capitais por encomenda que são de longa duração permanecem com baixo nível médio de utilização de sua capacidade instalada. Os bens de consumo duráveis apresentam alta ocupação.

Os investimentos em 1986 são modestos e estão concentrados em bens finais, na ampliação e/ou modernização da planta já existente, não há quase investimento para insumos e bens de capitais. Desde modo o nível de produção aumenta mais que o emprego devido ao aumento de produtividade e automação. O maior crescimento do investimento é na compra de máquinas pelas pequenas e médias empresas, concentrados nos bens de capital seriados, bens de consumo duráveis e material para construção.

O estado não investiu em insumos básicos, devido ao deficit interno e externo, defasagens nas tarifas e serviços públicos além de dificuldades do setor financeiro.

Além desses fatores o investimento privado não ocorre devido a outros fatores tais como:

- A existência de expectativas inflacionárias.
- A inexistência de créditos de longo prazo ou de seu alto custo quando existiam.
- Incerteza quanto ao suprimento de insumos e bens intermediários.
- Falta de uma política industrial por parte do governo federal.

Varios projetos do ministério da indústria e comércio são frustrados durante o ano, ficam apenas no papel.

Em fins de 1986 surge uma politica mais firme para os investimentos em diversos setores, com aumento de recursos para o financiamento pelo BNDES a longo prazo.

Em inicio de 1987, a desaceleração que vinha ocorrendo desde o final de 1986 continua, devido agora a queda na demanda e ainda o problema de desabastecimento, principalmente, para bens de consumo duráveis como carros e eletricos domésticos; e bens de consumo não duráveis. Os bens de capitais e intermediários diminuíam mas em menor proporção.

Com a volta da inflação há a necessidade de negociação para as vendas a prazo, que teriam de imbutir novamente os custos desta.

O mercado de trabalho no plano cruzado.

A partir de 1985 com a retomada do crescimento economico, baseado na ocupação da capacidade ociosa existente, aumentou o nível de emprego e o salário real, mas a produção cresce mais rápido. O crescimento de salário real é devido a que no ano de 1984, ele havia sido o mais baixo dos últimos trinta e quatro anos.

Em 1986 o mercado de trabalho, beneficiou-se do processo democrático, fortalecimento sindical, crescimento economico e queda nas taxas de inflação.

O emprego cresceu em média 4,9% em 1986. Na indústria de transformação, o emprego cresce 10%, na contru-

ção civil aumentou em torno de 7,74%, basicamente destinada as construções de luxo. O emprego no comércio, aumenta em 6,98% e nos serviços temos um aumento da ordem de 2,33%. Este último cresce menos do que em 1985 devido aos ajustes ao plano cruzado, principalmente no caso de serviços bancários. Na administração públicas e autarquias, o emprego cresce 1,66%.

A taxa de rotatividade média mensal se mantentém em 3,67%, isto quer dizer que ela é 27,43% maior do que em comparação ao ano de 1985, supõe-se que isto se deveu a demissões voluntárias, nas quais os trabalhadores estavam obstinados a conseguir melhores salários em outros empregos, pois na construção civil e no comércio, os salários cresceram mais do que no resto da economia, a rotatividade média se manteve. A rotatividade cresce mais na indústria de transformação e serviços.

A industria de transformação aumenta a sua participação na criação de novos empregos de acordo com a tabela 1 :

tabela 1 (1)

dez/84	dez/85	dez/86
32,1%	33,1%	35,4%

Aumenta a proporção de trabalhadores autônomos em relação aos assalariados em 1986 ao contrário do que havia ocorrido no ano de 1985. Os assalariados com carteira assinada tiveram um desempenho maior do que os sem carteira, ao contrário também do que aconteceu em 1985.

Empresa Estrangeira	10%	17,9%	18,9%
---------------------	-----	-------	-------

Vê-se assim que o tão falado aumento do consumo devido ao aumento real dos salários, não se deve tanto assim ao aumento do salário, antes sim, ao aumento da renda dos não assalariados, pelo aumento da massa salarial, devido ao aumento do emprego, aumento da massa e da margem de lucro, já que não houve grandes investimentos, ficando as empresas com dinheiro numa situação de grande liquidez. Mas com a queda da inflação os trabalhadores mais fracos e desorganizados ganharam.

A partir de outubro de 1986, com a volta da inflação, o salário médio volta a cair e a massa salarial também, 15,8% e 6,5% respectivamente.

O salário mínimo era o menor dos últimos trinta e cinco anos, metade do de 1940, e após o seu congelamento, com o reajuste pela média e os 15% de abono, não houve política para recuperá-lo.

Em janeiro de 1987 o salário mínimo em vigor era de CZ\$ 964,80 e o necessário segundo o DIEESE era de CZ\$ 7.943,80.

Os salários no plano cruzado.

Este é um tema que tem gerado muita polêmica, sobre se os salários com a decretação do plano cruzado obtiveram algum ganho real ou perda. Alguns economistas e setores afirmam que aconteceram ganhos, outros dizem

que houvessem perdas por isto trataremos de fazer uma análise mais pormenorizada do caso.

Em primeiro lugar vejamos como eram os reajustes salariais antes do plano de estabilização.

A lei que cuidava deste problema era a de numero 6.708 que datava de 30 de outubro de 1979, que estabelecia o seguinte:

- O salário era corrigido semestralmente pelo INPC (mais tarde em 1985 substituído pelo IPCA), com reajustes diferenciados por classe. Deste modo visava-se manter o valor real médio do salário no semestre anterior.

- Aumento de salário com base no aumento de produtividade era diferente segundo cada nível de remuneração e tamanho da empresa e o repasse ao preço era vedado.

- Em caso de dispensa do trabalhador ocorrer um mês antes do aumento salarial, a firma teria que pagar o salário novo que estaria por vigorar.

- A lei não amparava o salário mínimo nem os dos servidores públicos.

Com o plano as regras para o reajuste salarial eram as seguintes:

- Conversão pela média do valor real dos últimos seis meses mais abono de 8% para os salários em geral e de 15% para o mínimo. A conversão se fazia da seguinte forma:

Salário	Fator	Atualizado
Set/85	x 1,8351	=

Out/85		x	1,6743	=	
Nov/85		x	1,5068	=	
Dez/85		x	1,3292	=	
Jan/86		x	1,1436	=	
Fev/86		x	1,0000	=	

TOTAL =

O total seria dividido por seis para se ter a média dos últimos seis meses, depois dividido por mil para se chegar ao seu valor em cruzados e depois multiplicado por 1,08 para lhe conceder o abono.

- Escala móvel com correção automática sempre que a inflação chegasse a 20%, assim teríamos intervalos flexíveis para os reajustes salariais.

- Com o decreto 2.284 ficava garantido 60% da inflação acumulada que seria dado aos salários em suas respectivas bases respectivas.

- Os 40% restantes teriam que ser negociados livremente, sendo entretanto vedado o seu repasse a preços.

- A política salarial recaía também sobre os funcionários públicos.

Numa situação de economia inflacionada é difícil descobrir se o salário real se mantém ou não e tão pouco qual seria ele, já que os preços estão sempre mudando e também a relação entre eles assim como sua relação para

com os salários.

O salário real médio ficava entre o seu valor conseguido no mês de reajuste e o seu valor final seis meses depois antes do proximo reajuste. Neste tipo de política salarial com prazos para reajustes pré determinados, quanto maior a inflação menor seriam os salários médios reais, e quanto menor a inflação maior seria este valor.

Assim para se manter o valor do salário medio real não num patamar muito baixo, deveriam-se com a aceleração inflacionária, recorrer-se a reajustes salariais em espaços de tempos menores.

Com o plano temos que os reajustes de salário ficaram ligados a reajustes em tempos flexiveis o que para o salário médio real é bom pois fica num patamar mais elevado.

Além disso com a queda de inflação ocorrida logo após o plano ajudou também a manter o salário médio real num nível maior já que as perdas são menores.

Assim neste aspecto o plano foi positivo para os assalariados.

Uma outra discussão é a de que conforme foi instaurada a politica de ajustes de salários de cruzeiros para cruzados, os trabalhadores teriam tido perda ou ganhos de oito por cento em seus rendimentos. Alguns economistas apoiam uma visão e outros outras. Vamos tentar aqui esclarecer o maximo possivel tal questão.

Para começarmos temos que estabelecer que o valor real dos salários seria aquele correspondente ao valor atualizado dos bens e serviços com que se pode comprar com tal salário num determinado periodo.

A Ala que defende que os salários tiveram ganhos sustentam sua posição dizendo que o salário de um mês só é recebido no mês seguinte, e deste modo o nível de preços correto para se medir o valor real do salário é aquele do mês de recebimento.

Assim, no caso pertinente, que seria o do plano cruzado, o salário do mês de fevereiro seria recebido em março e assim este deveria ser o mês para se tomar os preços com base e não o do mês anterior com o nível de preços de primeiro de fevereiro, mas sim o nível de preços de primeiro de março já que este é o mês em que os salários são realmente recebidos, pois ninguém recebe o seu salário adiantado antes de ter trabalhado, assim deste modo no calculo feito pelo governo não haveria engano.

A outra ala, os que dizem que os assalariados perderam com o plano, defende que os salários em março estariam comprado pelo menos 14,36% mais baixo pois este foi a inflação do mês de fevereiro que não foi repassado aos salários. Defendem a utilização do nível de preços de primeiro de fevereiro, para se medir os salários de fevereiro e não o nível de primeiro de março pois, dizem que os trabalhadores não recebiam todo seu salário no dia 10 do mês seguinte, quase todos os trabalhadores tinham adiantamento no dia 25 do mês viginte do salário, além do que os trabalhadores faziam muitas compras à prazo, o que ajudava a manter o nível dos salários até que eles fossem recebidos no mês seguinte. Por isto segundo esta visão o nível de preço a se utilizar deveria ser o de primeiro de fevereiro para o calculo dos salários no plano cruzado.

Assim temos duas formas diferentes para se calcular o valor real dos salários:

T A B E L A 3

Assim temos dois calculos, um o oficial que foi estabelecido pelo plano, mostra que os calculos feitos mantinham o poder aquisitivo dos salários e com o abono de 8% tinham um ganho real. O outro calculo mostra que

com o plano os salários tiveram uma perda de em média 6,07%.

A ala que defende o plano e seus calculos de conversão de salários, rebate a ala que lhe é contra da seguinte maneira:

Diz que reconhece que os salários não são totalmente recebidos no dia 10 de cada mês, havendo um adiantamento no dia vinte cinco. Mas diz também que os adiantamento de salarios recebidos no dia 25, não são gastos de uma vez. Eles seriam gasto até o dia 10, aos poucos, e assim o ponto médio de conversão da primeira metade dos salários seria o dia 2 ou 3 de março. Mas nunca o dia primeiro.

Quanto a segunda metade, esta também não seria gasta toda de uma só vez e sim até o dia 25 seguinte que seria o recebimento do próximo adiantamento. Neste caso o ponto médio de preços seria o dia 17.

Assim nesta visão o fato do governo ter considerado o dia primeiro como base, mostrava que os salários comprariam no dia 2 ou 3 ou 17 a mesma coisa que no dia primeiro de março, não levando em consideração que com o congelamento, os preços não mais cresciam e alguns até caíram, sendo assim ter deixado o dia primeiro com base ainda forneceu aos trabalhadores algum ganho extra, mais ou menos de 4,7% se considerassemos a inflação anterior de 17,36% ao mês e 0.44% ao dia, já que o governo antecipou a data base para os niveis de preço em dez dias (três dias do dia 30 de fevereiro para o dia 1 de março e sete dias do dia dezessete para o dia dez)

São contrarios também a questão de que os trabalhadores mantinham o seu poder aquisitivo pois comprar

vam antecipadamente. Defende este ponto de vista argumentando que nas compras a prazo já havia um custo financeiro imbutido que eliminava tal vantagem.

Assim temos estas duas visões a qual junta-se outra que diz que nesta discussão de preço pelo pico e salário pela média seria difícil dizer, se houve ou não perda, já que na verdade nem todos os preços estavam no pico pois como já vimos uns dos grandes problemas do plano era o de descontrole nos preços relativos pois uns estavam acima da média e outros abaixo.

Assim temos que para os salários tal discussão aparece cercada de diferentes argumentos dos quais uns são contra outros ou contra todos. Assim tentemos fazer um rápido apanhado das idéias das quais poderíamos lançar mão:

Em primeiro lugar parece óbvio, que pelo menos com a queda da inflação e com o novo método de reajuste para os salários, estes saíram ganhando.

Quanto a questão sobre os salários no decorrer do ano de 1986, devido ao aumento da atividade econômica e consequentemente do nível de emprego, os salários parecem ter tido algum ganho, principalmente o de mão de obra especializada e os daqueles setores onde havia escassez de mão de obra. Tudo isto, aumento de emprego e alguns salários, elevaram a massa salarial em 1986.

Quanto a questão de se o cálculo de conversão do governo provocou aumentos reais ou perda, as opiniões estão muito difusas. Mas é certo de que se aconteceram não devem ter sido muito grandes (no caso das perdas não foram maiores do que 6% e em caso de ganho não ultrapas-

saram 8%). Poderíamos considerar então que com a conversão dos salários não se modificou praticamente nada e se aconteceram mudanças estas ocorreram com o prosseguir do plano e do ano de 1986.

Com isto estabelecido faremos análise a que nos propusemos no início do trabalho, qual seja, analisar estes impactos sobre os trabalhadores da Mercedes Benz de Campinas. Que será outra parte deste trabalho.

AS VISÕES SOBRE A DISCUSSÃO SALARIAL

SALARIOS		CONVERSAO OFICIAL		CONVERSAO COM BASE NO CALCULO DO DIEESE	
MES	VALOR	CONVERSOR	VALOR	CONVERSOR	VALOR
SET/85	5000000	1.8351	9175500	2.0549	10274500
OUT/85	5000000	1.6743	8371500	1.8351	9175500
NOV/85	5000000	1.5068	7534000	1.6743	8371500
DEZ/85	10000000	1.3292	13292000	1.5068	15068000
JAN/86	10000000	1.1436	11436000	1.3292	13292000
FEV/86	10000000	1	10000000	1.1436	11436000
TOTAL			59809000		67617500
MEDIA			9801000		11269583.
EM CRUZADOS			9801		11269.583
COM ADONO			10585.08		10585.08
UMENTO REAL			0.08		-0.060739

N O T A S :

1) DADOS RETIRADOS DA PAGINA 122 DO TEXTO DE JORGE MATOSO.

2) DADOS RETIRADOS DA PAGINA 126 DO TEXTO DE JORGE MATOSO.

3) DADOS RETIRADOS DA PAGINA 140 DO TEXTO DE JORGE MATOSO.

4) DADOS RETIRADOS DA PAGINA 140 DO TEXTO DE JORGE MATOSO.

5) DADOS RETIRADOS DA PAGINA 94 DO TEXTO DE LUIIS NASSIF.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA.

A POLITICA ECONOMICA DO CRUZADO, EDITORA DA UNICAMP, 1987.

O PLANO CRUZADO NA VISAO DOS ECONOMISTAS DA USP.

PLANO CRUZADO, ATAQUE E DEFESA, CEDEPLAR / UFMG, EDITORA FORENSE UNIVERSITARIA.

RETROSPECTIVA 1985, CENTRO DE ESTUDOS DE

CONJUNTURA, UNICAMP, IE.

O CRUZADO, POR DENTRO DO CHOQUE, MASSIF LU-
IS, LIVRARIA CULTURA EDITORA, JULHO DE 1986.

A SITUAÇÃO DO EMPREGO E RENDIMENTOS NO BRASIL GRANDE SÃO PAULO.

No ano de 1986 gerou-se um total de 609.000 novos postos de trabalho, 364.000 devido a indústria de transformação, 85.000 devido ao comércio, 79.000 devido aos serviços e 81.000 a outros (que englobam construção civil, serviços domésticos, e outros.). A PEA teve um crescimento de 465.000 o que possibilitou a elevação do nível de emprego, diminuindo o contingente de desempregados em 158.000 pessoas.

Em 1985 e 1986 o conjunto dos setores economicos demonstraram igual capacidade na sua criação de novos postos de trabalho (603.000 em 1985), mesmo com o aquecimento forte encontrado na economia em 1986, isto não é possível na Grande São Paulo.

Deste modo o que se verifica é que a taxa de geração de novos postos são iguais em ambos anos, oque pode explicar que em 1986 o desemprego tem uma queda maior, é o fato de que a PEA cresceu menos neste último ano.

Apesar deste forte aquecimento economico em 1986, no final do ano ainda existiam na Grande São Paulo 555.000 desempregados.

Outro aspecto que pode explicar a similar criação de novos postos em ambos os anos é que em 1985 a recuperação economica que vinha ocorrendo pós crise 1981-84, foi continua durante o ano todo. Já em 1986 no primeiro semestre tal gera-

ção de novos postos é baixa, devido em certos aspectos a acomodação da economia e das empresas ao novo plano económico e assim só no segundo semestre tal processo se acentua.

Quanto ao rendimento médio de todas as classes trabalhadoras, nos primeiros onze meses de 1985 cresceu em torno de 4.5% e em igual período de 1986 cresceu em torno de 13.3%.

Entre janeiro e novembro de 1986 temos a seguinte elevação nos rendimentos das diversas classes:

Os assalariados tiveram um aumento na renda média de 5.4%, os empregadores tiveram um incremento de 23.9% na sua renda média, os autónomos que prestam serviços a empresas tiveram um aumento de 21.9% e os autónomos que prestam serviços ao público em geral tiveram um incremento de 30.0%.

O aumento na renda média em 1986 foi maior para os não assalariados e ocupados de rendimentos mais altos, os trabalhadores de baixos rendimentos e que recebem salários foram os menos beneficiados pelo crescimento económico ocorrido no período. A massa de rendimentos cresceu mais para os empregadores e autónomos do que para assalariados.

(ver quadro 1)

No final do ano de 1986 a taxa de desemprego que era de 9.2% representando 622.000 desempregados cai para 7.3% representando 555.000. O nível de emprego em dezembro de 1985 fica assim distribuído:

- 0.2% para a indústria de transformação;

2.7% para o comércio;

2.3% para os serviços;

0.3% para outros.

Ao contrário de 1985 a evolução dos níveis de ocupação global e setorial apresentam desempenho inferiores em 1986.

(ver quadro 2)

A taxa de participação (PEA/PIA) mostra qual a proporção da população em idade ativa se transformou de fato, em força de trabalho, seja na condição de ocupado ou desempregado. Tal taxa cresceu em 1985 e 1986 mas com menor intensidade em 1986.

A indústria de transformação aumenta seu nível de ocupação em 9.79% em 1986 contra 7.0% em 1985. O setor de serviços em 1986 tem um desempenho inferior devido principalmente ao setor financeiro que despedem mais ou menos 140.000 trabalhadores.

(ver quadro 3)

No começo do ano do ano de 1986 foram criados mais empregos do que todo o período igual no ano de 1985, depois da decretação do plano cruzado isto diminui principalmente com a incerteza gerada com ele, mas em junho o emprego volta a subir para cair novamente no final do ano, devido a inflexibilidade econômica, falta de investimentos, reaquecimento da inflação, agios, escassez de mercadorias que atravancavam o processo produtivo.

(ver quadro 4)

O desemprego teve uma taxa declinando ao longo do ano de 1986, segundo a pesquisa SEADE/DIEESE, o desemprego na grande São paulo que em dezembro foi de 7.3%, como já dito acima, foi a menor já registrada por estas pesquisa até aquele ano.

(ver quadro 5)

O declíneo do desemprego se dá sempre no final do ano devido aos motivos sazonais desta época, mas em 1986 ficam num patamar bem inferior a de 1985.

Em 1986 o desemprego aberto é de 4.4% representando um número de 335.000 pessoas, o desemprego oculto fica em 220.000, sendo que o oculto precário fica em 106.000 repre-

Outros dados sobre a distribuição do mercado de trabalho em 1986 e comparação a 1985:

TABELA 2

	1985	1986
PEA.....	7,2%	6,5% *
PEA/PIA.....	4%	3% **
Mulher.....	4,6%	5,2%
Homem.....	3,6%	1,3%

* Expansão da PEA

** Do total da PEA quanto realmente incorporou-se no ano ao mercado de trabalho.

Quanto a questão de se o pleno emprego ocorreu, isto é, se houve falta generalizada de mão de obra, não foi verdade pois o número de desempregado nas regiões industrializadas em 1986 se manteve alta, além do que, o que aconteceu foi falta de mão de obra especializada e qualificada, em determinados setores da economia, o que gerou uma escassez localizada e não generalizada.

Quanto a questão do crescimento dos salários reais temos:

Nas grande São Paulo os salários médios cresceram 4,9% a menos que a produtividade, na indústria de transformação crescimento foi de 2,7% em média e no comércio de 17,7%. Este crescimento foi limitado pelo congelamento de salários e estes dados não incluem os ágios sobre os preços.

Em termos relativos o assalariados de mais baixa renda, Tiveram os maiores ganhos em 1986 ao contrário de 1985. Os autônomos tiveram grande aumento em sua renda, já que a procura por seus serviços aumentaram e não havia jeito de se fiscalizar os seus preços. Assim se observa:

TABELA 3

PARTICIPAÇÃO NO TOTAL DE RENDIMENTOS

	1985	1986
Assalariados.....	74,1%	71,4%
Autônomos.....	11,5%	13,5%
Empregadores.....	12,6%	14,5%

A massa salarial em 1986 aumentou 14,9% em relação a 1985, 9,5% devido ao aumento de emprego, 4,9% devido a ganhos de salários reais.

TABELA 4

Lucros líquidos / Vendas

	1983	1985	1986
Empresa Nacional	6,4%	12,3%	13,5%

sentando 1.4% e o oculto por deslento em 114.000 representando 1.5%. Mas a queda dos três tipos de desemprego é maior em 1986 do que em 1985, isto em parte como já foi dito anteriormente resultante do menor crescimento da PEA em 1986.

(ver quadro 6) (ver quadro 7)

Em 1986 observa-se elevar a taxa de rotatividade, as atividades economicas apresentam uma taxa de rotatividade média mensal de 3,67% correspondendo a um incremento de 27.43% em relação a 1985. Tem-se a hipótese de que o aumento desta taxa foi devido ao desligamento voluntário dos empregados de suas empresas, já que a rotatividade cresceu mais nos setores onde os salários cresceram menos, demonstrando assim, uma procura dos empregados por melhores salários. A indústria de transformação e Serviços tiveram o crescimento de sua rotatividade acima da média.

(ver quadro 8)

Quanto a cogitação de que em 1986 existiu o pleno emprego há dois problemas:

Um estrutural, cujo o processo de desenvolvimento capitalista no Brasil não é tão desenvolvido num processo plenamente constituído que pudesse trazer problemas para a mão de obra disponível, além do que os novos postos de trabalho gerado são sempre para mão de obra qualificada ou de rápido treinamento talvez aí houvesse alguma escassez. E por outro lado mesmo com a criação de novos postos de trabalho verificadas, não foi possível eliminar do mercado de trabalho o subemprego o desemprego oculto pelo trabalho precário e desalento, nem mesmo o desemprego aberto como observado pelos dados mostrados.

Do ponto de vista conjuntural em 1986 ocorreu uma escassez de Mão de Obra especializada e/ou qualificada e não o

pleno emprego, o que mostra um descompasso entre as vagas existentes e a qualificação da Mão de Obra desempregada. Após a crise 1981-84 com a rápida recuperação e inovações tecnológicas ocorridas a Mão de Obra desmobilizada no período, ficou em parte desqualificada assim o que houve foi uma escassez e não o fim do desemprego.

Para reafirmar tal ponto o Convênio SEADE/DIEESE realiza em 1986 uma pesquisa, que será relatada brevemente, onde encontra quatro grupo de desempregados:

O primeiro grupo onde se encontra 21% dos desempregados entrevistados, dizem que encontram vagas abertas ou disponíveis, porém não aceitam a possibilidade de trabalho, devido a poderem procurar por mais tempo emprego e não estarem de acordo com a remuneração oferecida, local de trabalho e são funções mais qualificadas e especializadas a que este grupo pertence.

O segundo grupo onde estão 22% dos entrevistados, acham vagas abertas pelas empresas e disponíveis, porém não foram aceitos por tais empresas. Aqui estão os desempregados cuja a qualificação técnica não corresponde a exigida pela empresa, ou por características individuais (sexo, cor, idade), um terço deste grupo alegam os últimos motivos como causa de não serem aceitos.

O terceiro grupo corresponde a 38% e representam aqueles que estão esperando respostas ou aguardando serem chamados. Destes 6% dizem estar em breve trabalhando pois se ajustam perfeitamente as vagas existentes e oferecidas. Os 32% restantes tinham feito testes, entrevistas, mas nada garantiam quanto a estarem empregados.

O quarto grupo que corresponde a 18%, representam os que não encontram nenhuma oportunidade de trabalho, nem em placas

espalhadas pela cidade, nas ruas, nem em visita as firmas.

Assim o que se mostra na Grande São Paulo em 1986 com esta pesquisa é que , o desemprego continua devido a escassez de vagas abertas pelo sistema produtivo, que mantém indivíduos fora do emprego por critérios pessoais ou por falta de formação profissional.

Observa-se ainda que 1/3 do total entrevistados, estão próximo a serem empregados ou não aceitam o emprego enquanto os 2/3 restantes não encontram ofertas concretas de trabalho.

Quanto a evolução no nível de ocupação:

Em 1985 a elevação no grau dos ocupados foi devido aos empregos gerados pelos setores industrial e de serviços. Já em 1986 a elevação de 9.5% no geral se deve:

Aos 17.1% de novos empregos gerados na indústria, 9.5% gerados no comércio, 3.0% gerados nos serviços e 10.3% em outros.

(ver quadro 9)

A indústria aumenta o emprego em 1985 e 1986, o setor de serviços aumenta o emprego em 1985 e em 1986 diminui até setembro e depois aumenta até dezembro. O comércio aumenta o emprego em 1986 mas não continuamente variando muito durante os meses do ano. Quanto aos outros setores, em 1985 variam muito em 1986 diminuem a oferta de emprego até março e depois disto passam a aumentar.

(ver quadro 10)

Em 1985 o emprego aumenta em 10.3%, sendo que os assalariados tem um aumento de 12%, e os assalariados do setor privado 12.6%. Sendo que destes últimos os com carteira tem um aumento de 11.6% e os sem carteira um aumento de 18.6%. Os autônomos tem um aumento no seu total de emprego de 3.4%. Assim em 1985 o crescimento maior é dos assalariados e dentro

destes os sem carteira assinada.

Para 1986 o emprego global cresce 9.5%, sendo que os assalariados tem um aumento de 9.3%, e os do setor privado 11.6%. DEstes últimos os com carteira tem um aumento no emprego de 12.5% e os sem carteira de 6.9%, isto mostra que em 1986 o desempenho para os com carteira assinada é melhor do que em 1985. Os autônomos aumentam em 16.8%, são os que mais crescem em 1986.

Uma outra observação deve ser feita quanto ao nível de ocupação durante o ano de 1986, a de que o nível de ocupação dos assalariados é crescente durante o ano todo, enquanto a dos autônomos variam durante o ano todo acelerando em dezembro.

Quanto a evolução do nível de rendimento salários , inflação e seus efeitos.

Antes de fazermos uma analise baseada nos dados da pesquisa realizada pelo Seade/Dieese, deve-se levar alguns fatores em consideração.

Durante o ano de 1986 gerou-se muitas dúvidas e controvérsias sobre se realmente aconteceram ganhos salariais ou não. Deve-se ter em mente que a inflação durante o período esteve em oscilação, alta no começo do ano quase zero logo após o plano de estabilização, aumentando após julho principalmente devido a âgios e escassez de produtos e com o fim do plano em novembro voltamos a um patamar anterior a do plano.

Sabe-se que com a queda do nível de inflação e com o aumento do emprego ocorrido durante o ano torna mais favorável o desempenho dos salários médios e mais favorável o desempenho das categorias menos organizadas, já que frente as altas

taxas de inflação estas encontram maiores dificuldades para se organizar e elevarem os seus salários, além do que os longos espaços entre os reajustes, contribuem para rebaixarem os salários reais. Assim com a queda da inflação as categorias tende a perder menos e até a apresentar ganhos relativos principalmente por que se fortalecem e podem elevar seus salários com uma inflação menor.

Quanto a questão específica do salário mínimo, em 1986 ele foi o menor desde 1955 graças ao congelamento a ele imposto, é metade do salário mínimo de 1940 sendo que o PIB per capita é cinco vezes maior. Ao ser convertido para cruzado e por estar muito baixo teve um abono e nada mais ocorreu durante o ano para recuperar o seu poder de compra.

O salário mínimo de 1959 era de Cr\$ 3.234,76 e em janeiro de 1987 ele era de Cr\$ 964,80 e o que seria necessário segundo o DIEESE era de Cr\$ 7.943,08 para fevereiro de 1987.

O nível de rendimentos na grande São Paulo:

Foi mais favorável em 1986 do que em 1985. Entre janeiro e novembro de 1986 em comparação a igual período de 1985 temos:

Aumento no rendimento dos assalariados na ordem de 5.4%, aumento no rendimento dos empregadores na ordem de 23.9%, aumento no rendimento dos autônomos ligados a empresas na ordem de 21.9% e aumento dos autônomos ligados ao público em geral na ordem de 30.0%.

Isto mostra que em 1986 o aumento do poder de compra dos de mais alta renda é maior dos de menor renda, assim os assalariados tiveram um incremento menor em sua renda em 1986 relativamente aos empregadores e autônomos.

Para o total dos ocupados no período de setembro, outubro e novembro de 1985 tivemos um decréscimo de 12.4% na renda média do primeiro decil, um acréscimo de 0.1% no primeiro quartil, acréscimo de 2.2% na mediana, acréscimo de 3.5% no terceiro quartil e acréscimo de 4.5% na média dos rendimentos médios.

Para o mesmo período do ano de 1986 temos, um acréscimo de 50.1% na renda média do primeiro decil, 31.0% na renda média do primeiro quartil, na mediana o acréscimo foi de 27.5% na renda média, no terceiro quartil o acréscimo foi de 10.3% e na média tivemos um acréscimo de 13.3%. Em valores absolutos os acréscimos de 1986 ficam assim divididos:

1º decil.....Cz\$ 197,00

1º quartil.....Cz\$ 277,00

mediana.....Cz\$ 449,00

3º quartil.....Cz\$ 354,00

média.....Cz\$ 396,00

Assim se observa no segundo período, no ano de 1986 que apesar do ganho relativo maior no poder de compra dos de menor renda os ganhos absolutos foram maior para os de maiores renda.

Os números apresentados acima fazem referencia ao total de trabalhadores, assalaridos ou não, já para os assalariados apenas, os valores absolutos são os seguintes:

1º decil.....Cz\$ 27,00

1º quartil.....Cz\$ 264,00

mediana.....Cz\$ 351,00

3º quartil.....Cz\$ 303,00

média.....Cz\$ 220,00

Assim o que se observa é que para os assalariados os que tiveram maiores incrementos na renda média foram os estabelecidos na mediana.

Comparando-se os assalariados com o total dos ocupados temos o seguinte resultado para o ano de 1986:

O rendimento médio do total dos ocupados teve um aumento de 13.3% enquanto os assalariados tiveram um aumento de 7.2%, quanto ao nível de emprego temos que para o total dos ocupados este aumentou em 8.1% enquanto que para os assalariados aumentou em 7.5%. A variação na massa de rendimentos foi de 22.5% para o total dos ocupados enquanto para os assalariados este cresceu em 15.2%. Deste modo se observa que a massa de rendimento do total de ocupados aumentou mais do que a dos assalariados tanto devido ao maior aumento do nível médio de rendimentos quanto ao maior aumento do nível do emprego do Total de ocupados em relação aos assalariados, mas principalmente devido ao maior aumento da renda média dos primeiros.

Fazendo-se esta divisão por setores economicos temos:

Na indústria em 1985 o nível médio de rendimentos para o total de ocupados foi acrescido em 0.2% enquanto que para os assalariados foi de 0.8%. para o ano de 1986 temos respectivamente 5.5% e 4.3%, o que mostra que o nível médio de rendimento dos não assalariados tem um acréscimo maior.

No comércio em 1985 o total de ocupados tem um decréscimo na renda média de 3.7%, enquanto os assalariados tem 0.0% se "acrécimo" em seus rendimentos. No ano de 1986 temos respectivamente 33.5% e 35.2% o que demonstra que neste ano os assalariados tiveram neste setor os maiores incrementos de renda.

No serviços para 1985 temos um acréscimo de 10.3% para o total de ocupados e 11.4 para os assalariados e em 1986 temos

11.1% e 3.1% respectivamente, o que mostra que o desempenho dos assalariados neste último ano foi bem pior.

Assim no setor de comércio e serviços os trabalhadores de maior renda tiveram os maiores ganhos relativos e absolutos, enquanto na indústria os de mais baixos rendimentos tiveram os maiores os maiores ganhos absolutos. O nível médio de rendimento em 1985 era bem mais baixo no comércio que em 1986 se recupera e se aproxima rapidamente da indústria.

Observando-se os três setores novamente observa-se que:

Na indústria o crescimento em 1986 para o emprego foi de 17.3% da renda média foi de 5.5% e da massa de rendimentos foi de 23.8%. Para o comércio temos respectivamente, 6.5% 33.5% e 42.2% e para o setor de serviços 0.7% no emprego, 11.1% na renda média e 11.8% na massa de rendimentos. Deste modo na indústria o que explica o aumento da massa e o maior aumento do emprego, e nos outros dois o aumento da massa é explicada pelo aumento do rendimento.

Para os assalariados nestes setores temos:

Na indústria o emprego aumenta 16.4% a renda média aumenta 4.3% e a massa salarial aumenta 21.5%, para o setor de comércio o emprego aumenta 1.5% a renda 35.2% e a massa 37.3% e os serviços tem uma queda do emprego de 0.3% um aumento na renda média de 3.1% e a massa em 2.8%. Observa-se que na indústria em 1986 o desempenho do emprego é forte, no comércio o desempenho da renda é maior e nos serviços ambos tem um desempenho fraco ao longo do ano.

Disto tudo tira-se a conclusão que em 1986 de que a massa salarial dos assalariados aumenta devido principalmente ao aumento do emprego enquanto que para empregadores, autônomos e não assalariados o aumento da massa é devido em grande parte ao aumento da renda.

TABELAS DA PESQUISA SEADE\RIESEE
QUADRO 1

PERÍODOS	DESEMPREGADOS		OCUPADOS		PEA INATIVOS MAIORES DE 10 ANOS		TAXAS GLOBAIS DE PARTICIPAÇÃO (PEA/PIA)	TAXAS DE DESPRE- GO TOTAL (DES/PEA)
	NÚMEROS ABSOLUTOS (EM 1000 PESSOAS)	ÍNDICE (MÉDIA DE 1985=100)	NÚMEROS ABSOLUTOS (EM 1000 PESSOAS)	ÍNDICE (MÉDIA DE 1985=100)	NÚMEROS ABSOLUTOS (EM 1000 PESSOAS)	NÚMERO ABSOLUTO (EM 1000 PESSOAS)		
JANEIRO 85	807	92.1	5914	96.7	6721	4613	58.5	12.01
FEBREIRO	891	101.7	5908	96.6	6799	4541	58.9	13.10
MARÇO	965	110.2	5929	96.9	6894	4481	59.6	14.00
ABRIL	993	113.4	5997	98.1	6990	4420	60.3	14.21
MAIO	982	112.1	6031	98.6	7013	4433	60.4	14.00
JUNHO	952	108.7	6098	99.7	7050	4432	60.4	13.50
JULHO	911	104	6100	99.7	7011	4507	60.2	12.99
AUGUSTO	879	100.4	6211	101.6	7090	4458	60.6	12.40
SETEMBRO	848	96.8	6215	101.6	7063	4516	60.5	12.01
OUTUBRO	829	94.6	6253	102.2	7082	4527	60.4	11.71
NOVEMBRO	755	86.2	6300	103	7055	4584	60.3	10.70
DEZEMBRO	699	79.8	6436	105.2	7135	4536	60.8	9.80
JANEIRO 86	713	81.4	6487	106.1	7200	4501	61.1	9.90
FEBREIRO	760	86.8	6474	105.9	7234	4498	61.1	10.51
MARÇO	838	95.7	6446	105.4	7284	4479	61.2	11.50
ABRIL	847	96.7	6456	105.6	7303	4491	61.5	11.60
MAIO	803	91.7	6566	107.4	7369	4456	61.8	10.90
JUNHO	758	86.5	6600	107.9	7358	4498	61.6	10.30
JULHO	719	82.1	6689	109.4	7408	4479	61.7	9.71
AUGUSTO	719	82.1	6693	109.4	7412	4507	61.8	9.70
SETEMBRO	709	80.9	6754	110.4	7463	4487	62.2	9.50
OUTUBRO	675	77.1	6823	111.6	7498	4483	62.3	9.00
NOVEMBRO	622	71	6959	113.8	7581	4431	62.5	8.20
DEZEMBRO	555	63.4	7045	115.2	7600	4443	62.6	7.30

TABELAS DA PESQUISA SEADEVIDEISE

QUADRO 2

POPULACAO ECONOMICAMENTE ATIVA	TAXAS DE CRESCIMENTO	
	ANUAL	
	NOV 86 NOV 85	DEZ 86 DEZ 85
TOTAL	7.5	6.5
Ocupados	10.5	9.5
INDUSTRIA	18.0	17.1
COMERCIO	12.1	9.4
SERVICOS	3.3	3.0
OUTROS	11.5	10.3
DESEMPREGADOS	-17.6	-20.6

QUADRO 5

PERIODOS	TAXAS DE DESEMPREGO POR TIPO DE DESEMPREGO		
	TOTAL	ABERTO	OCULTO
DEZEMBRO 84	12.4	7.3	5.0
JUNHO 85	14.0	8.9	5.0
JUNHO	13.5	8.7	4.8
SETEMBRO	12.0	7.3	4.7
DEZEMBRO	9.8	5.8	4.0
JUNHO 86	11.5	7.3	4.2
JUNHO	110.3	6.6	3.6
SETEMBRO	9.5	5.7	3.7
DEZEMBRO	7.3	4.4	2.9

TABELAS DO NEEP CAPITULO 2

QUADRO 3

INDICE DE EMPREGO SEGUNDO SETORES DE ATIVIDADE
ECONOMICA BRASIL 1985-86

SETORES E SUBSETORES DE ATIVIDADE ECONOMICA	MES DE DEZEMBRO			VARIACAO % 86/85
	1984	1985	1986	
EXTRATIVA MINERAL	100.00	102.78	102.04	-0.72
INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO	100.00	106.95	117.39	9.76
IND DE PROD MIN NAO-METALICOS	100.00	108.74	119.39	9.79
IND METALURGICA	100.00	106.55	117.60	10.37
IND MECANICA	100.00	110.34	129.31	17.19
IND MAT ELETRICO E DE COM	100.00	111.25	128.73	15.71
IND MAT DE TRANS	100.00	107.17	116.45	8.66
IND DE MADEIRA E MOBILIARIO	100.00	109.25	120.18	10.00
IND PAPEL, PAPELADO, EDITORA, GRAFIC	100.00	106.22	114.44	7.74
IND BORRACHA, FUMO, COURO, PELES				
PROD SIMIL E IND DIV	100.00	107.77	118.34	9.81
IND QUIMICA, FARM, VETERIN, PERFUME				
SABOES, VELAS, MAT PLASTICO	100.00	106.11	115.88	9.21
IND TEXTIL, VEST, ARTEFATOS DE TECIDO	100.00	108.35	122.33	12.90
IND CALCADOS	100.00	104.64	110.66	5.75
IND PROD ALIMENTICIO DE BEBIDAS				
ALCOOL ETILICO	100.00	102.33	105.82	3.41
SERVICOS DE UTIL PUBLICA	100.00	102.35	104.05	1.66
CONSTRUCAO CIVIL	100.00	103.78	111.81	7.74
COMERCIO	100.00	105.99	113.39	6.98
SERVICOS	100.00	105.11	107.56	2.33
ADM PUBLICA DIRETA E AUTARQUIA	100.00	101.46	102.61	1.13
TOTAL	100	104.83	110.01	4.93

TABELAS DO NEEP CAPITULO 2

QUADRO 4
 NUMERO DE EMPREGOS CRIADOS NO BRASIL
 1985-86

MESES	Nos ABSOLUTOS EM UNIDADES	Nos RELATIVOS EM %	Nos ABSOLUTOS EM UNIDADES	Nos RELATIVOS EM %
	1985		1986	
JANEIRO	45075	0.23	91156	0.46
Fevereiro	29724	0.16	83229	0.42
Março	53505	0.28	101064	0.51
Abril	81297	0.43	47559	0.24
Mai	114936	0.60	97101	0.48
Junho	73320	0.38	140696	0.70
Julho	76303	0.39	107999	0.54
Agosto	89174	0.45	137252	0.69
Setembro	126825	0.61	123735	0.62
Outubro	156550	0.65	116179	0.58
Novembro	158532	0.66	95967	0.48
Dezembro	91156	-0.38	-170002	-0.85
TOTAL	913035		971936	

TABELAS DA PESQUISA SEADE/DIEESE

QUADRO 6

PERIODOS	VARIACAO ANUAL, POR TIPO DE DESEMPREGO		
	TOTAL	ABERTO	OCULTO
DEZ 85 / DEZ 84	-20.8	-21.3	-20.2
DEZ 86 / DEZ 85	-25.6	-23.2	-29.1

QUADRO 9
BASE MEDIA DE 1985 = 100

PERIODOS	INDICE DO NIVEL DE OCUPACAO, POR SETOR DE ATIVIDADE ECONOMICA				
	TOTAL	INDUSTRIA	COMERCIO	SERVICOS	OUTROS
DEZEMBRO 84	95.4	93.6	96.2	95.2	99.7
MARCO 85	96.9	96.6	96.4	97.5	96.7
MAIO	99.7	99.4	102.7	98.8	100.3
SETEMBRO	101.6	102.2	99.6	102.7	99.7
DEZEMBRO	105.2	106.4	104.6	105.3	102.6
FEV 86	105.4	107.9	105.6	106.8	94.3
JUNHO	107.9	111.8	106.5	107	102.6
SETEMBRO	110.4	121.2	109.8	102.9	107.6
DEZEMBRO	115.2	124.6	114.5	108.5	113.2

QUADRO 7
TAXA MENSAL DE DESEMPREGO
PESSOAS DESOCUPADAS EM RELAÇÃO AS PESSOAS
ECONOMICAMENTE ATIVAS

MESES	1985	1986
JANEIRO	7.11	4.68
FEBREIRO	7.25	4.99
MARÇO	7.22	4.87
ABRIL	6.90	4.57
MAI	6.57	4.47
JUNHO	6.26	3.76
JULHO	5.97	3.60
AGOSTO	5.57	3.50
SETEMBRO	5.21	3.23
OUTUBRO	4.69	2.98
NOVEMBRO	4.32	2.64
DEZEMBRO	3.76	2.16

TABELAS DO NEEP CAPITULO 2

QUADRO 8
TAXAS DE ROTATIVIDADE AGREGADAS
BRASIL
1985-86

MESES	TODAS ATIVIDADES		INDUSTRIA TRANSFORMACAO		SERVICOS	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986
JANEIRO	2.83	3.47	2.98	3.66	2.89	3.55
FEBREIRO	2.57	3.24	2.79	3.47	2.62	3.42
MARCO	3.15	3.14	3.25	3.38	3.39	3.39
ABRIL	3.71	3.72	2.90	3.91	2.82	4.06
M A I O	2.79	3.72	2.96	3.85	2.89	4.15
JUNHO	2.61	3.62	2.72	3.86	2.73	3.98
JULHO	3.00	4.06	3.17	4.43	3.13	4.39
AUGUSTO	2.78	4.01	2.91	4.43	2.88	4.31
SETEMBRO	2.80	3.93	2.89	4.37	2.94	4.11
OUTUBRO	2.87	4.03	3.13	4.56	2.96	4.15
NOVEMBRO	2.76	3.97	2.89	4.46	2.82	4.14
DEZEMBRO	2.69	3.18	2.61	3.19	2.83	3.49
MEIA ARITMETICA	2.88	3.67	2.93	3.96	2.91	3.93

TABELAS DA PESQUISA SCADENTEESE

PERÍODOS	ÍNDICES					
	TOTAL (2)	TOTAL	ASSALARIADO NO SETOR PRIVADO			TOTAL
	DE OCUPA- DOS	DE ASSALA- RIADOS	TOTAL	COM CARTEIRA	SEM CARTEIRA	DE AUTÔNOMOS
DEZEMBRO 84	95.4	94.3	93.8	94.2	91.7	100.7
MAI 85	96.9	96.8	97.1	97.8	93.2	101.1
JUNHO	99.7	99.5	99.4	99.6	98.3	97.4
SETEMBRO	101.6	102.2	102	102.1	101.4	99.9
1 DEZEMBRO	105.2	105.6	105.6	105.1	108.8	104.1
MARÇO 86	105.4	108.3	108.1	108.1	107.7	99.4
JUNHO	107.9	109.3	109.9	108.8	116.9	106.8
1 DEZEMBRO	110.4	110.8	111.2	111.6	108.8	111.5
7 DEZEMBRO	115.2	115.4	117.9	118.2	116.3	121.6

1) BASE: MÉDIA DE 1985 = 100

2) INCLUI OS EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Capítulo Três : Um Estudo de Caso

Vamos agora fazer uma análise dos dados colidos nas fabricas da Bravox produtora de alto-falante e a Brasinca ferramentaria. Os dados referidos que seram utilizados foram recolhidos através da Rais (Relação anual de Iformações Sociais) e o Guia de Recolhimento de Contribuição Sindical.

Analisaremos o sexo, idade dos funcionários, tempo de servico na empresa, função, salário por horista e mensalistas, época da recisão e causa da recisão. Estes dados são baseados nas informações da RAIS. O Guia de Recolhimento será utilizado para analisar a variação salarial entre março de 1986 e março de 1987

Na distribuição por sexo temos 328 do sexo masculino e 412 do sexo feminino. Predominando deste modo o sexo feminino. Na Brasinca temos 555 homens e 22 mulheres predominando nesta os sexo masculino.

Quanto a distribuição por idade. Na Bravox no caso dos homens a maior concentração se da entre as pessoas de 19 a 31 anos de idade sendo que o mais velho tem 59 e o mais novo 14.(ver tabela 1) Na Brasinca a concentração se distribui mais entre os 41 e 28 anos, tendo uma concentração forte também nos funcionários com 18 e 16 anos sendo o mais velho de 60 anos e o mais novo de 13 anos. (ver tabela 9). Quanto ao sexo feminino na Bravox a concentração se dá entre 30 e 15 anos, sendo a mais velha de 65 anos e a mais nova de 14 anos (ver tabela 1), na Brasinca não há uma concentração visível, sendo a mais velha de 51 anos e a mais nova de 18 anos (ver tabela 2).

Quanto ao tempo de anos de serviços prestados a empresa. Na Bravox para os Homens a maior concentração se dá nos quatro anos de serviços ou menos sendo que a maior é nos de menos de um ano de casa. Os com um ano ou menos representam perto de cinquenta e oito por cento e o que possui maior tempo de serviço é vinte oito anos de casa. Na Brasinca, a maior concentração se dá com um ou menos anos de casa com mais de noventa por cento neste caso e o mais velho tem apenas oito anos de casa, o que demonstra que neste caso ao contrario do anterior as pessoas ficam menos tempo no emprego. No caso das mulheres tal diferença também é sentida, pois na Bravox a concentração se dá a partir de oito anos de casa ou menos, sendo que as com um ano ou menos representam mais de quarenta e seis por cento, sendo que a com maior tempo de casa tem trinta e um anos. Já na Brasinca a totalidade das mulheres se encontram com um ano ou menos de casa. (Ver tabelas 2 e 10)

Quanto a categoria. Vale notar aqui que muitos funcionarios principalmente na Bravox principalmente não foram classificados pela RAIS. NO caso masculino, na Bravox a concentração se dá em Triturador de madeira com 16,77% e outros eletricitas com 25.61%. Na Brasinca, a concentração se dá em ferramenteiro em geral com 38.92%, fresador com 6.85%, plainador de metais com 3.06%, mandrilador com 3.42 e 83390 com 3.96%. Vê-se então que no caso da Brasinca para o sexo masculino as funções mais especializadas são maiores. Para as mulheres na Bravox, a maior concentração se dá em operador de linha de montagem com 40.78% e outros eletricitas com 6.31%. Já na Brasinca a maior concentração se dá em trabalhadores de serviços de contabilidade com 18.18% e Trabalhadores braçais na linha de serviços gerais. com 13.64%. Percebe-se assim a grande diferença neste caso onde a primeira temos trabalhador

res de linha de produção e no segundo pessoal de escritório e serviços mais gerais. (ver tabelas 3 e 11)

Quanto a Instrução no caso masculino na Bravox, As maiores concentrações se dão entre o primeiro ano e quarta séries incompletos com 31.95%, primeiro ano ea quarta série completos com 17.07% e ginásial incompleto com 14.33%, ginásial completo com 9.76% colegial incompleto com 3.05% e colegial completo com 6.07% deve-se destacar também o grande numero de não classificados com 20.12%. Na Brasinca os funcionários com primário completo representam 20% os com ginásial incompleto representam 25.95% os com ginásial completo representam 21.08% , os com colegial incompleto representam 13.51% e os com colegial completo representam 9.19%. O que mostra que na brasinca há um maior nível de instrução entre seus funcionários homens. Quanto as mulheres na Bravox A maior concentração se dá no ginásial incompleto com 22.82% vindo a seguir primario incompleto com 12.38% e depois primario e ginásial completo com 10.68% tendo 5.10% de analfabetos vale lembrar que 25% não foram classificados. Na Brasinca, A maior concentração se dá em colegial completo com 31.82% em seguida primário completo com 22.73% em seguida superior completo e primário incompleto com 18.18% ambos, não ha alnafabetos. Oque mostra que aqui também o nível de instrução é maior na Brasinca em relação a Bravox. (ver tabela 4 e 12)

Com relação aos salarios recebidos, dividimos a analise entre horistas e mensalistas. Devemos nos lembrar que o salário mínimo em março de 1986 era de 804,00 cruzeiros. Começamos pelos horistas:

Na Bravox tanto os homens quanto as mulheres, concentram se entre 1000 a 2000 cruzeiros por mês com 36.59% e 38.59% respectivamente, e de 2000 a 3000 cruzeiros com 26.52% e

44.66% respectivamente. Na Brasinca os homens encontram-se mais distribuídos e com maiores salários, a maior concentração se dá entre 7000 e 8000 cruzeiros por mês com 16.22% vindo a seguir a faixa de 6000 a 7000 cruzeiros por mês com 12.43%, depois 9000 a 10000 por mês com 11.53% ao mês de 8000 a 9000 cruzeiros com 9.55%. Para as mulheres a distribuição também é menos concentrada com 13.64% entre 2000 a 3000 cruzeiros por mês não havendo salários menores que 2000 neste caso. Assim percebe-se que mesmo para as mulheres como para os homens na Brasinca o nível salarial é melhor entre os horistas. (ver tabelas cinco e treze)

Quanto aos mensalistas. Na Bravox para os homens a maior concentração maior entre 1000 a 2000 cruzeiros por mês com 4.88% vindo a seguir 2000 a 3000 e 3000 a 4000 cruzeiros por mês com 4.27% cada. Para as mulheres mensalistas na Bravox a maior concentração se dá entre 2000 a 3000 cruzeiros por mês com 6.07% todas as outras categorias tem menos de 3%. Ve-se neste caso que a concentração é bem menor que no caso dos horistas. Na Brasinca para os homens não há concentração maior que 2% o que mostra que aqui temos uma maior distribuição entre os vários salários sendo que o maior fica entre 34000 e 35000 cruzeiros. Já para as mulheres a concentração maior é entre 3000 a 4000 cruzeiros ao mês com 13.64% e as faixas entre 1000 a 2000, 2000 a 3000, 4000 a 5000, 5000 a 6000 apresentam 9.09% de participação. O maior salário se situa entre 15000 a 16000 ao mês. Assim aqui apesar de ter uma concentração salarial em faixas maior que as dos homens com relação as horistas os salários são melhores. (ver tabelas 6 e 14)

Para terminarmos devemos dizer que na Bravox temos 72.26% dos homens e 85.92% das mulheres na situação de horistas. Na Brasinca temos 81.98% dos homens e 31.82% das mulhe-

res na situação de horistas. O que nos mostra que na Bravox há uma maior utilização de mulheres na linha de produção que na Brasinca quanto aos homens acontece o contrário isto é a Bravox utiliza-os menos proporcionalmente homens na linha de produção que a Brasinca.

Quanto ao mês de rescisão no ano de 1986. Na Bravox o número de rescisão para os homens começa em março quando acontecem as primeiras, e vai aumentando até outubro quando acontecem 18.57% do total de rescisões estabilizando-se depois, representando no ano 21.34% sobre o total masculino. Para as mulheres há uma dispersão maior durante o ano mas a taxa aumenta em setembro e outubro com 18.87 e 52.64% respectivamente ca uma, do total de mulheres no ano representa 12.86% bem menor que a masculina. Na Brasinca, para os homens, apenas em abril ela é menor do que 3% sendo que a maior esta situada em agosto e setembro com 13.97% e 15.64% respectivamente sobre o total de trabalhadores masculino, sendo que no ano representou 32.25%. Para as mulheres apesar da taxa parecer alta (16.67%) é devido ao pequeno número desta categoria na empresa já que nos meses que ocorreram demissão foi de apenas uma funcionária, representando no ano 27.27%. Em ambos os casos na Brasinca as taxas foram maiores que na Bravox. (ver tabelas 7 e 15)

Quanto as causas das rescisões. Na Bravox, para os homens sem justa causa por parte do empregador sobre o total que ocorreram no ano 1.43%, sem justa causa por iniciativa do empregado ocorreram 58.57%, por aposentadoria aconteceram 38.57 no ano das rescisões por morte 1.43% no ano. Para as mulheres sem justa causa por parte do empregador ocorreram 50.94% no ano do total de rescisões sem justa causa por parte do empregado ocorreram 47.17% das causas do ano, por aposentadoria

1.89%. Assim nos parece que principalmente para os homens a vontade do próprio trabalhador em largar o serviço foi a maior já que sobre o total das rescisões ela representa mais de 50% e para as mulheres fica bem próximo deste número apesar da demissão por justa causa ser pouco maior na participação. Na Brasinca, para os homens a demissão sem justa causa pelo empregado e pelo empregador representam 46.93% e 49.72% respectivamente e para as mulheres sem justa causa por iniciativa do empregador representa 50% contra 33.33% por iniciativa do empregado e 16.67% por transferência para outro estabelecimento da empresa. (ver tabelas 8 e 16)

As Variações Reais de Salários .

Analisaremos agora as variações ocorridas entre os meses de março de 1986 e março de 1987, os dados foram obtidos através do guia de recolhimento da contribuição sindical das empresas analisadas.

No caso da Bravox, temos que no total médio os salários na empresa variaram do começo ao fim do período em 12.83%. O cargo que mas obteve perdas foi o de tecnico eletrônico, onde seu salário se reduziu ao final do período em 70.57% do inicial e o que obteve menor perda foi o de torneiro mecânico onde o salário se reduziu para 99.97% do original. Entre as categorias que obtiveram perdas temos, tecnico eletrônico, revisor, inspetor de qualidade, auxiliar de programação, comprador, kardexista, auxiliar de contabilidade, seguidor de compras, cobrador, auxiliar de almoxarifado, lider de linha, faturista, prensista, almoxarife, auxiliar de manutenção industrial auxiliar de serviços administrativo e torneiro mecânico. Entre os que obtiveram ganhos o que menos ganharam fo-

ram os oficie boys com 1,15% de ganho e o que maior ganho obteve foi o oficial mecanico de manutenção com 89,05% a mais que no inicio do periodo. As categorias que obtiveram ganhos reais em seus salários foram, office boy, encarregado de expedição, eletricista de manutenção, sub encarregado de centragens, auxiliar de limpeza, caixa, encarregado de ferramentaria, auxiliar de escritório, auxiliar de expedição, copeira, testadora, faxineira, meio oficial ferramenteiro, operador de recorte, gerente de compras, ajudante geral, encarregado de crédito e cobrança, auxiliar de enfermagem, auxiliar de serviços gerais, bobinadeira, encarregado de linhas, auxiliar de bobinadeira, secretária, ferramenteiro, encarregado de planejamento de controle de qualidade, auxiliar de controle de qualidade, supervisor de cobrança, aux de montagem, vigia mecânico de manutenção, operador de computador, digitador, lider, operador de injetora, aprendiz de mecânico geral, encarregado de manutenção coordenador de custos, oficial eletricista, ajustador mecanico, oficial mecanico de manutenção. Apesar de havido ganhos no geral, como visto aconteceram também perdas no caso da empresa especificamente, e os ganhos e perdas não escolheram especialização de mão de obra isto é as mais especializadas tiveram perdas e ganhos assim como as não especializadas. (ver tabela 17)

No caso da Brasinca onde a mão de obra é mais especializada e onde segundo a hipotese mais comum deveria ter havido os maiores ganhos não é isto que ocorre. Na média geral dentro da empresa os salários se reduziram a 97,83% em março de 1987 do que eram em relação a março de 1986. Entre os que obtiveram perdas temos, selecionador de pessoal, programador ferramenteiro, eletricista de manutenção tratador mater de ferramentaria, ferramenteiro II, plainador ferramenteiro,

tecnico em processos, ferramenteiro I, auxiliar de almoxarifado, operador de furadeira, ferramenteiro IV, ferramenteiro III, torneiro ferramenteiro, pedreiro, almoxarife de ferramentaria, guarda, operador de ponte rolante, supervisor de bancada, mandrilador II, ferramenteiro lider, ajustador mecanico, apontador de mão de obra, afiador de ferramentas, electricista de instalação, secretária de diretoria, fresador ferramenteiro, soldador ferramenteiro, secretária de gerencia, usinagem ferramentaria, fresador copiador, encarregado de usinagem ferramentaria, ajustador de ferramenta, encarregado de bancada de ferramentaria, supervisor de seção de inspeção, pratico ferramenteiro, supervisor de departamento de planejamento de ferramentaria. Neste caso os salários diminuíram a 70.4% do inicial até 99.8% no caso que menos diminuiu, sendo que a maioria esteve na casa dos 90%. Quanto aqueles que obtiveram ganhos reais, que vai de 1.5% a 57.85% de aumento, temos, lubrificador, mecânico de manutenção inspetor ferramenteiro, ajudante geral, supervisor de seção de programação, retificador ferramenteiro, serralheiro I, encarregado de suprimento de ferramentaria, auxiliar de escritório, analista de contabilidade fiscal, nutricionista, aprendiz de ajustador. Deste modo vimos que aqui a maioria das profissões são especializadas e mesmo assim no computo geral houve perdas salariais no período considerado, e entre aqueles que tiveram ganhos temos semi-especializados como o que mais obteve ganho que foi o aprendiz de ajustador. (ver tabela 18)

Nesta analise podemos depreender que apesar de toda as hipóteses mais comuns afirmarem que a falta de mão de obra especializada fizeram com que no cruzado estas categorias obtivessem altos ganhos, não foi bem isto que ocorreu na análise de caso com as duas empresas pois tivemos varias categorias

não especializadas ou semi-especializadas que obtiveram ganhos como vigias, auxiliares e aprendizes, e muitas categorias especializadas que tiveram perdas como visto acima.

Talvés em alguns casos como o oficial dnecanico de manutenção, ajustador mecanico, oficial eletricista, como no caso da Bravox onde o aumento foi bem grande assim como o de nutricionista e analista contabil na Brasinca, possa ter acontecido devido a uma pressão de mercado mas não em sua maioria. Volta-se assim a levar o aumento de consumo e poder aquisitivo na época do cruzado a utilização de poupanças e a própria queda da inflação que mantém o poder de compra real do salário e alguns aumentos salariais isolados, mas não como causa única destes últimos.

Um outro modo para se visualizar isto seria através das tabelas enviadas ao sindicato dos metalurgicos de São Paulo pelas empresas onde se divide por faixas salariais e por sexos, para o nosso caso vamos apenas visualizar pelo lado total dos trabalhadores. Iniciemos pela Bravox :

Em 1986, tínhamos 4.71% dos trabalhadores com até um salário mínimo, 5% com até dois s.m., 11.18% com até três s.m., 38.24% entre 3 e 10 s.m., 35.29% entre 7 e 10 s.m., 26.18% entre 10 a 15 s.m., 61.47% entre 7 a 15 s.m.. (ver tabela 21)

Para 1987 temos o seguinte. Tínhamos 10.6% dos trabalhadores com até um salário mínimo, 10.6% com até dois s.m., 12.21% com até três s.m., 58.53% entre 3 e 10 s.m., 34.56% entre 7 e 10 s.m., 25.12% entre 10 a 15 s.m., 59.687% entre 7 a 15 s.m.. (ver tabela 19)

O que comprova como visto acima que houve uma pequena queda salarial em média dentro da Brasinca no período considerado.

No caso da Bravox:

Em 1986, tínhamos 0.22% dos trabalhadores com até um salário mínimo, 30.65% com até dois s.m., 79.19% com até três s.m., 19.02% entre 3 e 10 s.m., 3.36% entre 7 e 10 s.m., 1.34% entre 10 a 15 s.m., 4.70% entre 7 a 15 s.m.. Ao nível de piso de categoria tínhamos 29.98% dos trabalhadores. (ver tabela 25)

Em 1987, tínhamos 0% dos trabalhadores com até um salário mínimo, 0.68% com até dois s.m., 74.38% com até três s.m., 22.90% entre 3 e 10 s.m., 3.63% entre 7 e 10 s.m., 1.59% entre 10 a 15 s.m., 5.22% entre 7 a 15 s.m.. Ao nível do piso salarial dos trabalhadores tínhamos 0%. (ver tabela 23)

Isto descrito acima comprova que tivemos um aumento maior na Bravox mesmo se tratando de ter uma maioria de mão de obra não especializada ou semi. Isto também pode ter acontecido pelo salário desta empresa estar em muito tempo defasado e foi aproveitado a época do cruzado que trazia grande expectativas aos empresários para corrigi-los, o que não teria acontecido na Brasinca, onde por se tratar de mão de obra mais especializada e de maior organização os salários podem ter se mantido sem grande defasagem após 1984 quando se iniciou a recuperação do país. Assim não se pode dizer que durante o plano cruzado Houve uma grande falta de mão de obra especializada que elevou em muito os ganhos reais, a não ser em algumas mais específicas ou por pequeno período de tempo dentro do ano analisado mas não de tão grande impacto como normalmente se supõe.

TABELAS CAPITULO 3
BRAVOX
POR SEXO

TABELA 1
IDADE DOS FUNCIONARIOS

IDADE	NUMERO HOMENS	NUMERO MULHERES	% HOMENS	% MULHERES
65		3	0.00	0.73
59	1		0.30	0.00
57	2		0.61	0.00
56	4	1	1.22	0.24
52		1	0.00	0.24
51	1	1	0.30	0.24
50	1	1	0.30	0.24
49	5	1	1.52	0.24
48	2	1	0.61	0.24
47	5	1	1.52	0.24
46	4		1.22	0.00
45	4	4	1.22	0.97
44	2	4	0.61	0.97
43	6		1.83	0.00
42	5	5	1.52	1.21
41	4	1	1.22	0.24
40	4	4	1.22	0.97
39	3	4	0.91	0.97
38	6	1	1.83	0.24
37	5	3	1.52	0.73
36	6	3	1.83	0.73
35	5	3	1.52	0.73
34	8	4	2.44	0.97
33	9	8	2.74	1.94
32	9	1	2.74	0.24
31	18	6	5.49	1.46
30	16	20	4.88	4.85
29	10	17	3.05	4.13
28	12	12	3.66	2.91
27	15	17	4.57	4.13
26	18	23	5.49	5.58
25	19	18	5.79	4.37
24	23	19	7.01	4.61
23	22	21	6.71	5.10
22	21	26	6.40	6.31
21	14	33	4.27	8.01
20	14	36	4.27	8.74
19	13	36	3.96	8.74
18	8	23	2.44	5.58
17	3	20	0.91	4.85
16	1	14	0.30	3.40
15		14	0.00	3.40
14		2	0.00	0.49
TOTAL	328	412	100.00	100.00

TABELAS CAPITULO 3
BRAVOX
POR SEXO

TABELA 2
TEMPO DE FIRMA

ANOS	NUMERO HOMENS	NUMERO MULHERES	% HOMENS	% MULHERES
31		2	0.00	0.49
30		2	0.00	0.49
28	1		0.30	0.00
27	1		0.30	0.00
25		1	0.00	0.24
24	2	1	0.61	0.24
23	2		0.61	0.00
22	2	1	0.61	0.24
20	2		0.61	0.00
19		1	0.00	0.24
17	1		0.30	0.00
16	1	1	0.30	0.24
15	3	1	0.91	0.24
14	1	5	0.30	1.21
13	2	2	0.61	0.49
12	3	3	0.91	0.73
11	4	4	1.22	0.97
10	3	5	0.91	1.21
9	8	8	2.44	1.94
8	6	13	1.83	3.16
7	10	19	3.05	4.61
6	5	19	1.52	4.61
5	9	15	2.74	3.64
4	23	36	7.01	8.74
3	16	32	4.88	7.77
2	30	49	9.15	11.89
1	48	58	14.63	14.08
0	145	134	44.21	32.52
	328	412	100.00	100.00

TABELAS CAPITULO 3
BRAVOX
POR SEXO

TABELA 3
FUNCAO POR CBO

CBO	NUMERO HOMENS	NUMERO MULHERES	% HOMENS	% MULHERES
1210	1		0.30	0.00
2110	1		0.30	0.00
2305	1		0.30	0.00
2305	1		0.30	0.00
2410	1		0.30	0.00
2990	1		0.30	0.00
3410	4		1.22	0.00
3820	2		0.61	0.00
3883	2		0.61	0.00
3985	1	6	0.30	1.46
7210		2	0.00	0.49
11010	3		0.91	0.00
24290	1		0.30	0.00
30120	2	4	0.61	0.97
30220		1	0.00	0.24
32105		3	0.00	0.73
33115	7	3	2.13	0.73
33925	1	1	0.30	0.24
33950		2	0.00	0.49
33990	1		0.30	0.00
34120	2		0.61	0.00
34220		1	0.00	0.24
34240	7		2.13	0.00
38020		1	0.00	0.24
39115	10		3.05	0.00
39135	1		0.30	0.00
39310	3	8	0.91	1.94
39370	1	1	0.30	0.24
39410		1	0.00	0.24
39530		1	0.00	0.24
39760	1	2	0.30	0.49
39970	4	1	1.22	0.24
42140	1		0.30	0.00
42190		8	0.00	1.94
42220	1	2	0.30	0.49
42290	1		0.30	0.00
53140		2	0.00	0.49
53260	1		0.30	0.00
55220	5	2	1.52	0.49
58330	7		2.13	0.00
70150	2	3	0.61	0.73
73420	55	1	16.77	0.24
83210	1		0.30	0.00
83320		1	0.00	0.24
83590	1		0.30	0.00
84010	1		0.30	0.00
84510		1	0.00	0.24
85940	3	168	0.91	40.78
85990	84	26	25.61	6.31

TABELAS CAPITULO 3
BRAVOX
POR SEXO

90320	1		0.30	0.00
95110	2		0.61	0.00
98550	1		0.30	0.00
98580	1		0.30	0.00
CLASSIFICADOS	101	160	30.79	38.83
TOTAL	328	412	100.00	100.00

TABELAS CAPITULO 3
BRAVOX
POR SEXO

CLASSIFICACAO BRASILEIRA DE OCUPACOES

1210 FISICO
2110 ENGENHEIRO CIVIL
2305 ENGENHEIRO ELETRICISTA
2305 ENGENHEIRO ELETRICISTA
2410 ENGEIRO MECANICO
2990 OUTROS ENGENHEIROS
3410 TECNICO ELETRONICO
3820 DESENHISTA TECNICO
3883 DESENHISTA PROJETISTA
3985 DESENHISTA DETALHISTA
7210 AUXILIAR DE ENFERMAGEM
11010 CONTADOR
24290 OUTROS GERENTES
30120 CHEFE DE ESCRITORIO PESSOAL
30220 CHEFE DE ESCRITORIO ORCAMENTO
32105 SECRETARIO EM GERAL
33115 AUXILIAR DE CONTABILIDADE
33925 ANALISTA DE CREDITO E COBRANCA
33950 FATURISTA
33990 OUTROS TRABALHADORES CONTABILIDADE
34120 OPERADOR DE MAQUINA CONTABIL
34220 OPERADOR DE COMPUTADOR
34240 DIGITADOR
38020 TELEFONISTA
39115 ALMOXARIFE
39135 EXPEDIDOR DE MATERIAIS
39310 AUXILIAR DE ESCRITORIO
39370 APONTADOR DE PRODUCAO
39960 KARDEXISTA
39970 CONTINUD
39410 RECEPCIONISTA
39530 ARQUIVISTA
42140 PROMOTOR DE VENDAS
42190 OUTROS SUPERVISORES DE VENDAS
42220 COMPRADOR
42290 OUTROS SUPERVISORES DE COMPRAS
53140 COZINHEIRO
53260 COFEIRO
55220 FAXINEIRO
58330 VIGIA
70150 MESTRE INDUSTRIA MATERIAL ELETRICO ELETRONICO
73420 OPERADOR DE MAQUINA DE FABRICAR PAPEL
83210 FERRAMENTEIRO GERAL
83320 TORNEIRO MECANICO
83590 OPERADORES DE MAQUINA FERRAMENTAS
84010 AJUSTADOR MECANICO
84510 MECANICO DE MANUTENCAO
85940 OPERADOR DE LINHA DE MONTAGEM
85990 OUTROS ELETRICISTAS
90320 MOLDADOR DE PLASTICO
95110 PEDREIRO

TABELAS CAPITULO 3

BRAVOX

POR SEXO

98550 MOTORISTA DE FURGÃO E SIMILAR

98580 CONDUTOR DE CAMINHÃO BASCULANTE

TABELAS CAPITULO 3
BRAVOX
POR SEXO

TABELA 4
NIVEL DE INSTRUCAO

INSTRUCAO	NUMERO HOMENS	NUMERO MULHERES	% HOMENS	% MULHERES
1	6	21	1.83	5.10
2	72	51	21.95	12.38
3	56	44	17.07	10.68
4	47	94	14.33	22.82
5	32	44	9.76	10.68
6	10	23	3.05	5.58
7	20	25	6.10	6.07
8	10	2	3.05	0.49
9	9	5	2.74	1.21
NAO CLASSIFICADOS	66	103	20.12	25.00
TOTAL	328	412	100.00	100.00

INSTRUCAO

- 1 ANALFABETO
- 2 PRIMARIO INCOMPLETO
- 3 PRIMARIO COMPLETO
- 4 GINASIO INCOMPLETO
- 5 GINASIO COMPLETO
- 6 COLEGIAL INCOMPLETO
- 7 COLEGIAL COMPLETO
- 8 SUPERIOR INCOMPLETO
- 9 SUPERIOR COMPLETO

TABELAS CAPITULO 3
BRAVOX
POR SEXO

TABELA 5
SALARIO
PARA HORISTAS
POR MES EM 1986 (em cruzeiros)

	NUMERO	NUMERO	%	%
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
>= 1000			0.00	0.00
DE 1000.001 A 2000	120	159	36.59	38.59
DE 2000.001 A 3000	87	184	26.52	44.66
DE 3000.001 A 4000	9	6	2.74	1.46
DE 4000.001 A 5000	3	3	0.91	0.73
DE 5000.001 A 6000	5		1.52	0.00
DE 6000.001 A 7000	5		1.52	0.00
DE 7000.001 A 8000	6		1.83	0.00
DE 8000.001 A 9000	2		0.61	0.00
DE 9000.001 A 10000		2	0.00	0.49
DE 10000.001 A 11000				
DE 11000.001 A 12000				
TOTAL	237	354	72.26	85.92

TABELA 6
SALARIOS
PARA MENSALISTAS
POR MES EM 1986 (em cruzeiros)

	NUMERO	NUMERO	%	%
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
>= 1000	1	1	0.30	0.24
DE 1000.001 A 2000	16	8	4.88	1.94
DE 2000.001 A 3000	14	25	4.27	6.07
DE 3000.001 A 4000	14	10	4.27	2.43
DE 4000.001 A 5000	7	5	2.13	1.21
DE 5000.001 A 6000	6	4	1.83	0.97
DE 6000.001 A 7000	5	1	1.52	0.24
DE 7000.001 A 8000	2	1	0.61	0.24
DE 8000.001 A 9000	1		0.30	0.00
DE 9000.001 A 10000	1	2	0.30	0.49
DE 10000.001 A 11000	4		1.22	0.00
DE 11000.001 A 12000	2		0.61	0.00
DE 12000.001 A 13000	4		1.22	0.00
DE 13000.001 A 14000	1		0.30	0.00
DE 14000.001 A 15000	4	1	1.22	0.24
DE 15000.001 A 16000	1		0.30	0.00
DE 16000.001 A 17000	1		0.30	0.00
DE 17000.001 A 18000	4		1.22	0.00
DE 18000.001 A 19000	1		0.30	0.00
DE 19000.001 A 20000	1		0.30	0.00
DE 20000.001 A 21000	1		0.30	0.00
DE 21000.001 A 22000	1		0.30	0.00
DE 22000.001 A 23000	1		0.30	0.00

TABELAS CAPITULO 3
BRAVOX
POR SEXO

91	58	27.74	14.08
----	----	-------	-------

TABELAS CAPITULO 3
BRAVOX
POR SEXO

TABELA 7
RECISAO
QUANTIDADES POR MES

MES	NUMERO HOMENS	NUMERO MULHERES	% HOMENS	% MULHERES
JANEIRO		1	0.00	1.89
FEVEREIRO			0.00	0.00
MARCO	2	2	2.86	3.77
ABRIL		4	0.00	7.55
MAIO	2		2.86	0.00
JUNHO	2	3	2.86	5.66
JULHO	7	2	10.00	3.77
AGOSTO	12	4	17.14	7.55
SETEMBRO	11	10	15.71	18.87
OUTUBRO	13	12	18.57	22.64
NOVEMBRO	10	7	14.29	13.21
DEZEMBRO	11	8	15.71	15.09
TOTAL	70	53	100.00	100.00
SOBRE O TOTAL DE TRABALHADORES			21.34	12.86

TABELA 8
CAUSA DA RECISAO DE
CONTRATO DE TRABALHO

CAUSA	NUMERO HOMENS	NUMERO MULHERES	% HOMENS	% MULHERES
2	1	27	1.43	50.94
4	41	25	58.57	47.17
7	27	1	38.57	1.89
8	1		1.43	0.00
TOTAL	70	53	100.00	100.00
SOBRE O TOTAL DE TRABALHADORES			21.34	12.86

CAUSA 2 POR INICIATIVA DO EMPREGADOR SEM JUSTA CAUSA
CAUSA 4 POR INICIATIVA DO EMPREGADO SEM JUSTA CAUSA
CAUSA 7 APOSENTADORIA
CAUSA 8 MORTE

TABELAS CAPITULO 3
BRASILCA
POR SEXO

TABELA 9
IDADE DOS FUNCIONARIOS

IDADE	NUMERO HOMENS	NUMERO MULHERES	% HOMENS	% MULHERES
60	1		0.18	0.00
59	1		0.18	0.00
57	1		0.18	0.00
56	1		0.18	0.00
54	5		0.90	0.00
52	4		0.72	0.00
51	10	1	1.80	4.55
50	4	1	0.72	4.55
49	8	1	1.44	4.55
48	6	2	1.08	9.09
47	11		1.98	0.00
46	13		2.34	0.00
45	15		2.70	0.00
44	13		2.34	0.00
43	13		2.34	0.00
42	10		1.80	0.00
41	21		3.78	0.00
40	21		3.78	0.00
39	26		4.68	0.00
38	24		4.32	0.00
37	22		3.96	0.00
36	21	1	3.78	4.55
35	16	1	2.88	4.55
34	18		3.24	0.00
33	21	1	3.78	4.55
32	21	2	3.78	9.09
31	25	2	4.50	9.09
30	22	1	3.96	4.55
29	15	1	2.70	4.55
28	18	1	3.24	4.55
27	15		2.70	0.00
26	13		2.34	0.00
25	8	2	1.44	9.09
24	11	2	1.98	9.09
23	7	2	1.26	9.09
22	7		1.26	0.00
21	14		2.52	0.00
20	10		1.80	0.00
19	6		1.08	0.00
18	21	1	3.78	4.55
17	5		0.90	0.00
16	4		0.72	0.00
15	18		3.24	0.00
14	8		1.44	0.00
13	1		0.18	0.00
TOTAL	555	22	100.00	100.00

TABELAS CAPITULO 3

TABELA 10
TEMPO DE FIRMA

ANOS	NUMERO HOMENS	NUMERO MULHERES	% HOMENS	% MULHERES
	8	1	0.18	0.00
	5	2	0.36	0.00
	4	3	0.54	0.00
	3	15	2.70	0.00
	2	11	1.98	0.00
	1	348	62.70	45.45
DE UM ANO		175	31.53	54.55
	555	22	100.00	100.00

TABELAS CAPITULO 3

TABELA 11
FUNCAO POR CBO

CBO	NUMERO HOMENS	NUMERO MULHERES	% HOMENS	% MULHERES
2420	1		0.18	0.00
2810	1		0.18	0.00
3210	6		1.08	0.00
3290	4		0.72	0.00
3820	6		1.08	0.00
3883	7		1.26	0.00
3945	4		0.72	0.00
3985	20		3.60	0.00
4122	1		0.18	0.00
6810		1	0.00	4.55
7210	2	1	0.36	4.55
19310		1	0.00	4.55
24290	3		0.54	0.00
30120	2		0.36	0.00
30230	2		0.36	0.00
32105		2	0.00	9.09
33115	1		0.18	0.00
33990	7	1	1.26	4.55
38020		1	0.00	4.55
39115	8		1.44	0.00
39190	5		0.90	0.00
39310	5		0.90	0.00
39360	7		1.26	0.00
39390	3	4	0.54	18.18
39410		1	0.00	4.55
39430		1	0.00	4.55
39990	1	1	0.18	4.55
42190	1		0.18	0.00
58330	12	1	2.16	4.55
59990	1		0.18	0.00
70115	18		3.24	0.00
83210	216	1	38.92	4.55
83315	1		0.18	0.00
83317	10		1.80	0.00
83320	4		0.72	0.00
83330	38		6.85	0.00
83340	17		3.06	0.00
83350	19		3.42	0.00
83390	22		3.96	0.00
83545	6		1.08	0.00
83630	8		1.44	0.00
83915	3		0.54	0.00
84020	9		1.62	0.00
84510	4	1	0.72	4.55
84987	1		0.18	0.00
84990	22		3.96	0.00
85405	5		0.90	0.00
85510	1		0.18	0.00
87105	1		0.18	0.00
87210	4		0.72	0.00
93920	1		0.18	0.00
93960	1		0.18	0.00

TABELAS CAPITULO 3

95110	3		0.34	0.00
97320	7	2	1.26	9.09
99990	15	3	2.70	13.64
ASSIFICADOS	9		1.62	0.00
TOTAL	555	22	100.00	100.00

TABELAS CAPITULO 3

CLASSIFICACAO BRASILEIRA DE OCUPACOES

2420 ENGENHEIRO MECANICO
2810 ENGENHEIRO DE ORGANIZACAO E METODOS
3210 TECNICO METALURGICO
3290 OUTROS TECNICOS
3820 DESENHISTA TECNICO
3883 DESENHISTA PROJETISTA
3945 SUPERVISOR SEGURANCA DO TRABALHO
3985 INSPECTOR DE QUALIDADE
6122 MEDICO DO TRABALHO
6810 NUTRICIONISTA
7210 AUXILIAR DE ENFERMAGEM
19310 ASSISTENTE SOCIAL
24290 OUTROS GERENTES DE PRODUCAO
30120 CHEFE DE ESCRITORIO PESSOAL
30230 CHEFE DE ESCRITORIO ORCAMENTO
32105 SECRETARIO EM GERAL
33115 AUXILIAR DE CONTABILIDADE
33990 OUTROS TRAB DE SERVICO DE CONTABILIDADE
38020 TELEFONISTA
39115 ALMOXARIFE
39190 OUTROS TRABALHADORES DE ARMAZEM E ABASTECIMEN
39310 AUXILIAR DE ESCRITORIO
39360 APONTADOR DE MAO DE OBRA
39390 OUTROS AUXILIARES DE ESCRITORIO
39410 RECPIONISTA
39430 RECPIONISTA DE CONSULTORIO
39990 OUTROS TRAB SERV ADMINISTRATIVOS
42190 OUTROS SUPERVISORES DE VENDA
58320 GUARDA DE SEGURANCA
59990 OUTROS TRABALHADORES DE PROTECAO E SEGURANCA
70115 MESTRE
83210 FERRAMENTEIRO EM GERAL
83315 FURADOR
83317 RETIFICADOR
83320 TORNEIRO MECANICO
83330 PRESADOR
83340 PLAINADOR
83350 MANDRILADOR
83390 OUTROS TORNEIROS
83545 OPERADOR DE FURADEIRA
83630 AFIADOR DE FERRAMENTA
83915 SERRALHEIRO
84020 AJUSTADOR MECANICO
84510 MECANICO DE MANUTENCAO
84987 LUBRIFICADOR INDUSTRIAL
84990 OUTROS AJUSTADORES MECANICOS
85405 ELETRICISTA DE MANUTENCAO
85510 ELETRICISTA DE INSTALACAO
87105 ENCAMADOR EM GERAL
87210 INSTALADOR DE TUBULACAO
93920 PINTOR A PINCEL
93960 PINTOR DE VEICULOS
95110 PEDREIRO
97320 OPERADOR DE PONTE ROLANTE

TABELAS CAPITULO 3

TABELA 12
NIVEL DE INSTRUCAO

INSTRUCAO	NUMERO	NUMERO	%	%
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
1	1		0.18	0.00
2	20	4	3.60	18.18
3	111	5	20.00	22.73
4	144		25.95	0.00
5	117		21.08	0.00
6	75	2	13.51	9.09
7	51	7	9.19	31.82
8	21		3.78	0.00
9	15	4	2.70	18.18
NÃO CLASSIFICADOS			0.00	0.00
TOTAL	555	22	100.00	100.00

INSTRUCAO

- 1 ANALFABETO
- 2 PRIMARIO INCOMPLETO
- 3 PRIMARIO COMPLETO
- 4 GINASIAL INCOMPLETO
- 5 GINASIAL COMPLETO
- 6 COLEGIAL INCOMPLETO
- 7 COLEGIAL COMPLETO
- 8 SUPERIOR INCOMPLETO
- 9 SUPERIOR COMPLETO

TABELAS CAPITULO 3

TABELA 13
SALARIO
PARA HORISTAS
POR MES EM 1986 (em cruzeiros)

	NUMERO HOMENS	NUMERO MULHERES	% HOMENS	% MULHERES
DE 0 A 1000	26		4.68	0.00
DE 1000.001 A 2000	4		0.72	0.00
DE 2000.001 A 3000	19	3	3.42	13.64
DE 3000.001 A 4000	29		5.23	0.00
DE 4000.001 A 5000	17	2	3.06	9.09
DE 5000.001 A 6000	44		7.93	0.00
DE 6000.001 A 7000	69	1	12.43	4.55
DE 7000.001 A 8000	90		16.22	0.00
DE 8000.001 A 9000	53		9.55	0.00
DE 9000.001 A 10000	64	1	11.53	4.55
DE 10000.001 A 11000	30		5.41	0.00
DE 11000.001 A 12000	10		1.80	0.00
TOTAL	455	7	81.98	31.82

TABELAS CAPITULO 3

TABELA 14
SALARIOS
PARA MENSALISTAS
POR MES EM 1986 (em cruzeiros)

	NUMERO	NUMERO	%	%
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
>- 1000	1		0.18	0.00
DE 1000.001 A 2000	2	2	0.36	9.09
DE 2000.001 A 3000	7	2	1.26	9.09
DE 3000.001 A 4000	12	3	2.16	13.64
DE 4000.001 A 5000	11	2	1.98	9.09
DE 5000.001 A 6000	8	2	1.44	9.09
DE 6000.001 A 7000	5		0.90	0.00
DE 7000.001 A 8000	8	1	1.44	4.55
DE 8000.001 A 9000	2	1	0.36	4.55
DE 9000.001 A 10000	10	1	1.80	4.55
DE 10000.001 A 11000	1		0.18	0.00
DE 11000.001 A 12000	4		0.72	0.00
DE 12000.001 A 13000	1		0.18	0.00
DE 13000.001 A 14000	4		0.72	0.00
DE 14000.001 A 15000	1		0.18	0.00
DE 15000.001 A 16000	11	1	1.98	4.55
DE 16000.001 A 17000	1		0.18	0.00
DE 17000.001 A 18000	4		0.72	0.00
DE 18000.001 A 20000	2		0.36	0.00
DE 20000.001 A 21000	1		0.18	0.00
DE 21000.001 A 22000	1		0.18	0.00
DE 22000.001 A 23000	1		0.18	0.00
DE 23000.001 A 24000	1		0.18	0.00
DE 24000.001 A 25000	1		0.18	0.00
DE 25000.001 A 26000	1		0.18	0.00
DE 26000.001 A 27000	1		0.18	0.00
DE 27000.001 A 28000	1		0.18	0.00
DE 28000.001 A 29000	1		0.18	0.00
DE 29000.001 A 30000	1		0.18	0.00
DE 30000.001 A 31000	1		0.18	0.00
DE 31000.001 A 32000	1		0.18	0.00
DE 32000.001 A 33000	1		0.18	0.00
DE 33000.001 A 34000	1		0.18	0.00
DE 34000.001 A 35000	1		0.18	0.00
TOTAL	100	15	18.02	68.18

TABELAS CAPITULO 3

TABELA 15
RECISAO
QUANTIDADES POR MES

MES	NUMERO HOMENS	NUMERO MULHERES	% HOMENS	% MULHERES
JANEIRO	12	1	6.70	16.67
FEVEREIRO	17		9.50	0.00
MARCO	6		3.35	0.00
ABRIL	4		2.23	0.00
MAIO	14	1	7.82	16.67
JUNHO	8	1	4.47	16.67
JULHO	16	1	8.94	16.67
AGOSTO	25	1	13.97	16.67
SETEMBRO	28		15.64	0.00
OUTUBRO	17	1	9.50	16.67
NOVEMBRO	18		10.06	0.00
DEZEMBRO	14		7.82	0.00
TOTAL	179	6	100.00	100.00
SOBRE O TOTAL DE TRABALHADORES			32.25	27.27

TABELA 16
CAUSA DE RECISAO DO
CONTRATO DE TRABALHO

CAUSA	NUMERO HOMENS	NUMERO MULHERES	% HOMENS	% MULHERES
2	89	3	49.72	50.00
4	84	2	46.93	33.33
6	6	1	3.35	16.67
TOTAL	179	6	100.00	100.00
SOBRE O TOTAL DE TRABALHADORES			32.25	27.27

CAUSA 2 INICIATIVA DO EMPREGADOR SEM JUSTA CAUSA

CAUSA 4 INICIATIVA DO EMPREGADO SEM JUSTA CAUSA

CAUSA 6 TRANSFERENCIA PARA OUTRO ESTABELECIMENTO DA E

TABELAS CAPITULO 3
TABELA 17
VARIACOES SALARIAS
DE MARÇO DE 1986 A MARÇO DE 1987

BRAVOX

CATEGORIA	MARÇO 1986	MARÇO 1987
TECNICO ELETRONICO	100.00	70.57
REVISOR	100.00	71.24
INSPETOR DE QUALIDADE	100.00	71.86
AUX DE PROGRAMACAO	100.00	81.20
COMPRADOR	100.00	82.18
KARDEXISTA	100.00	82.86
AUX CONTABILIDADE	100.00	83.16
SEGUIDOR DE COMPRAS	100.00	88.72
COBRADOR	100.00	92.18
AUX ALMOXARIFADO	100.00	92.59
LIDER DE LINHA	100.00	96.30
FATURISTA	100.00	96.58
PRENSISTA	100.00	97.20
ALMOXARIFE	100.00	97.23
AUX MANUTENCAO INDUSTRIAL	100.00	97.25
AUX DE SERVICOS ADMINISTRATIVO	100.00	98.44
TORNEIRO MECANICO	100.00	99.97
OFFICE BOY	100.00	101.15
ENCARREGADO DE EXPEDICAO	100.00	101.76
ELETRICISTA DE MANUTENCAO	100.00	102.14
SUB ENC F CENTRAGENS	100.00	103.33
AUX DE LIMPEZA	100.00	106.70
CAIXA	100.00	106.98
ENCARREGADO DE FERRAMENTARIA	100.00	106.99
AUX DE ESCRITORIO	100.00	107.67
AUX DE EXPEDICAO	100.00	108.38
COPEIRA	100.00	108.78
TESTADORA	100.00	110.89
FAXINEIRA	100.00	110.94
1/2 OFICIAL FERAMENTEIRO	100.00	110.95
OPERADOR DE RECORTE	100.00	111.71
GERENTE DE COMPRAS	100.00	111.85
AJUDANTE GERAL	100.00	112.03
ENCARREGADO CREDITO E COBRANCA	100.00	112.27
AUX ENFERMAGEM	100.00	113.85
AUX SERVICOS GERAIS	100.00	115.17
BOBINADEIRA	100.00	115.90
ENCARREGADO DE LINHAS	100.00	117.68
AUX BOBINADEIRA	100.00	117.78
SECRETARIA	100.00	117.96
FERRAMENTEIRO	100.00	118.15
ENC PLANEJ CONTR DE PROD	100.00	123.05
AUX CONTROLE DE QUALIDADE	100.00	125.13
SUPERVISOR DE COBRANCA	100.00	125.41
AUX DE MONTAGEM	100.00	125.67
VIGIA	100.00	125.96
MECANICO DE MANUTENCAO	100.00	128.39
OPERADOR DE COMPUTADOR	100.00	131.28
DIGITADOR	100.00	136.45
LIDER	100.00	141.02

TABELAS CAPITULO 3

OPERADOR DE INJETORA	100.00	147.01
APRENDIZ MECANICO GERAL	100.00	147.11
ENCARREGADO DE MANUTENCAO	100.00	152.48
COORDENADOR DE CUSTOS	100.00	153.91
OFICIAL ELETRICISTA	100.00	161.82
AJUSTADOR MECANICO	100.00	167.29
OFICIAL MECANICO DE MANUTENCAO	100.00	189.05
MEDIA	100.00	112.83

TABELA 18
VARIACOES SALARIAS
DE MARCO DE 1986 A MARCO DE 1987

BRASINCA

CATEGORIA	MARCO 1986	MARCO 1987
SELECIONADOR PESSOAL	100.00	70.40
PROGRAMADOR FERRAMENTEIRO	100.00	75.55
ELETRICISTA DE MANUTENCAO	100.00	78.11
TRATADOR MATER FER	100.00	79.09
FERRAMENTEIRO II	100.00	82.56
PLAINADOR FERRAMENTEIRO	100.00	85.24
TECNICO EM PROCESSOS	100.00	87.81
FERRAMENTEIRO I	100.00	88.78
AUX ALMOXARIFADO	100.00	88.88
OPERADOR FURADEIRA	100.00	89.26
FERRAMENTEIRO IV	100.00	89.99
FERRAMENTEIRO III	100.00	90.15
TORNEIRO FERRAMENTEIRO	100.00	90.83
PEDREIRO	100.00	91.10
ALMOXARIFE FERRAMENTA	100.00	91.10
GUARDA	100.00	91.24
OPERADOR PONTE ROLANTE	100.00	91.24
SUPERVISOR SECAO BANCADA	100.00	91.30
MANDRILADOR II	100.00	91.43
FERRAMENTEIRO LIDER	100.00	92.16
AJUSTADOR MECANICO	100.00	92.63
APONTADOR MAO DE OBRA	100.00	92.74
AFIADOR FERRAMENTAS	100.00	92.84
ELETRICISTA DE INSTALACAO	100.00	93.60
SECRETARIA DIRETORIA	100.00	93.70
FRESADOR FERRAMENTEIRO	100.00	94.21
SOLDADOR FERRAMENTEIRO	100.00	94.52
SECRETARIA GERENCIA	100.00	94.76
USINAGEM FERRAMENTEIRO	100.00	95.64
FRESADOR COPIADOR	100.00	95.96
ENC USINAGEM FERRAMENTARIA	100.00	97.01
AJUSTADOR DE FERRAMENTA	100.00	97.40
ENC BANCADA FERRAMENTARIA	100.00	97.97
SUPERVISOR SECAO INSPECAO	100.00	98.05

TABELAS CAPITULO 3

PRATICO FERRAMENTEIRO	100.00	99.11
SUP DEPTO PLANEJ FER	100.00	99.80
LUBRIFICADOR	100.00	101.50
MECANICO DE MANUTENCAO	100.00	102.83
INSPETOR FERRAMENTEIRO	100.00	103.27
AJUDANTE GERAL	100.00	105.82
SUPERVISOR SECAO PROG CONTR	100.00	106.70
RETIFICADOR FERRAMENTEIRO	100.00	109.51
SERRALHEIRO I	100.00	110.44
ENC SUPRIMENTO FERRAMENTARIA	100.00	116.93
AUX ESCRITORIO	100.00	133.67
ANALISTA CONTABILIDADE FISCAL	100.00	134.09
NUTRICIONISTA	100.00	146.93
APRENDIZ AJUSTADOR	100.00	157.85
MEDIA	100.00	97.83

TABELAS CAPITULO 3

TABELA 19

BRASINCA FERRAMENTARIA S/A

ANO DE 1987

DISTRIBUICAO DOS TRABALHADORES POR FAIXAS SALARIAIS

FAIXAS SALARIAIS	NUMERO DE TRABALHADORES	% SOBRE TOTAL	PARTICIPACAO NA FOLHA %	SALARIOS MEDIOS
AL 1 SM	46	10.60	1.12	1.143.65
DF 1 A 2 SM	0	0.00	0.00	0.00
ATP 2 SM	46	10.60	1.12	1.143.65
DL 2 A 3 SM	7	1.61	0.57	3.780.81
A 3 SM	53	12.21	1.69	1.491.96
DF 3 A 4 SM	35	8.06	3.47	4.638.30
DL 4 A 5 SM	19	4.38	2.44	6.005.91
DE 4 A 5 SM	54	12.44	5.91	5.119.49
DF 5 A 6 SM	37	8.53	6.05	7.644.43
DE 6 A 7 SM	13	3.00	2.53	9.102.12
DL 5 A 7 SM	50	11.52	8.57	8.023.43
DF 6 A 7 SM	104	23.96	14.48	6.515.62
DE 7 A 8 SM	49	11.29	10.99	10.495.35
DE 8 A 9 SM	45	10.37	11.08	11.515.73
DE 9 A 10 SM	56	12.90	15.49	12.943.97
DF 9 A 10 SM	254	58.53	52.04	9.586.48
DE 10 A 10 SM	150	34.56	37.56	11.715.61
DL 10 A 11 SM	61	14.06	18.92	14.512.10
DF 11 A 12 SM	33	7.60	11.15	15.816.00
DE 12 A 13 SM	3	0.69	1.08	16.896.00
DL 13 A 14 SM	11	2.53	4.22	17.956.77
DF 14 A 15 SM	1	0.23	0.41	19.391.10
DE 10 A 15 SM	109	25.12	35.79	15.364.86
DE 14 A 15 SM	259	59.68	73.35	13.251.40
DE 15 A 20 SM	13	3.00	6.44	23.192.52
+ DE 15 SM	18	4.15	10.47	27.226.15
+ DE 20 SM	5	1.15	4.03	37.713.60
PISO	0	0.00	0.00	0.00
TOTAL	434	100.00	100.00	10.780.83

TABELAS CAPITULO 3

TABELA 20

BRASINCA FERRAMENTARIA S/A

ANO DE 1987

DISTRIBUICAO DOS TRABALHADORES POR FAIXAS SALARIAIS

TABELA EM FUNCAO DO SEXO

FAIXAS SALARIAIS	NUMERO DE TRABALHADORES		% SOBRE O TOTAL		PARTICIPACAO NA FOLHA		% SALARIOS MEDIOS	
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
AT 1 SM	46		10.80	0.00	1.14		1,143.65	
DE 1 A 2 SM	0		0.00	0.00	0.00		0.00	
AT 2 SM	46		10.80	0.00	1.14		1,143.65	
DE 2 A 3 SM	4	3	0.94	37.50	0.33	18.09	3,805.35	3,748.10
AT 3 SM	50	3	11.74	37.50	1.47	18.09	1,356.59	3,748.10
DE 3 A 4 SM	35		8.22	0.00	3.52		4,638.30	
DE 4 A 5 SM	18	1	4.23	12.50	2.35	9.41	6,014.57	5,850.00
DE 5 A 6 SM	53	1	12.44	12.50	5.86	9.41	5,105.71	5,850.00
DE 6 A 7 SM	37		8.69	0.00	6.13		7,644.43	
DE 7 A 8 SM	12	1	2.82	12.50	2.36	15.22	9,072.00	9,463.50
DE 8 A 9 SM	49	1	11.50	12.50	8.48	15.22	7,994.04	9,463.50
DE 9 A 10 SM	102	2	23.94	25.00	14.35	24.63	6,493.24	7,656.75
DE 10 A 11 SM	47	2	11.03	25.00	10.67	34.52	10,485.32	10,731.00
DE 11 A 12 SM	45		10.56	0.00	11.22		11,515.73	9,193.88
DE 12 A 13 SM	56		13.15	0.00	15.70		12,943.97	10,731.00
DE 13 A 14 SM	250	4	58.69	50.00	51.95	59.15	9,592.76	14,154.60
DE 14 A 15 SM	148	2	34.74	25.00	37.60	34.52	11,728.92	
DE 15 A 16 SM	60	1	14.08	12.50	18.87	22.77	14,518.06	
DE 16 A 17 SM	33		7.75	0.00	11.31		15,816.00	
DE 17 A 18 SM	3		0.70	0.00	1.10		16,896.00	
DE 18 A 19 SM	11		2.58	0.00	4.28		17,956.77	
DE 19 A 20 SM	1		0.23	0.00	0.42		19,391.10	
DE 20 A 21 SM	108	1	25.35	12.50	35.97	22.77	15,376.07	14,154.60
DE 21 A 22 SM	256	3	60.09	37.50	73.57	57.28	13,267.56	11,872.20
DE 22 A 23 SM	13		3.05	0.00	6.53		23,192.52	
DE 23 A 24 SM	18		4.23	0.00	10.62		27,226.15	
DE 24 A 25 SM	5		1.17	0.00	4.08		37,713.60	
PISO	0		0.00	0.00	0.00		0.00	
TOTAL	426	8	100.00	100.00	100.00	100.00	10837.34	7,771.80

TABELAS CAPITULO 3

TABELA 21

BRASINCA FERRAMENTARIA S/A

ANO DE 1986

DISTRIBUICAO DOS TRABALHADORES POR FAIXAS SALARIAIS

FAIXAS SALARIAIS	NUMERO DE TRABALHADORES	% SOBRE TOTAL	PARTICIPACAO NA FOLHA %	SALARIOS MEIOS
AT 1 SM	16	4.71	0.31	432.00
DT 1 A 2 SM	1	0.29	0.07	1,536.30
AT 2 SM	17	5.00	0.38	496.96
DE 2 A 3 SM	21	6.18	1.92	2,055.09
AT 3 SM	38	11.18	2.30	1,358.03
DF 3 A 4 SM	12	3.53	1.54	2,872.95
DE 4 A 5 SM	28	8.24	4.68	3,744.94
DL 5 A 5 SM	40	11.76	6.21	3,483.35
DF 5 A 6 SM	13	3.82	2.58	4,456.92
DE 6 A 7 SM	25	7.35	5.85	5,246.15
DE 6 A 7 SM	38	11.18	8.43	4,976.15
DT 7 A 7 SM	78	22.94	14.65	4,210.61
DF 7 A 8 SM	31	9.12	8.36	6,045.32
DE 8 A 9 SM	45	13.24	13.45	6,699.80
DL 9 A 10 SM	44	12.94	14.96	7,625.45
DF 9 A 10 SM	198	58.24	51.42	5,822.44
DE 7 A 10 SM	120	35.29	36.77	6,870.13
DE 10 A 11 SM	44	12.94	16.52	8,417.61
DF 11 A 12 SM	34	10.00	14.26	9,400.94
DE 12 A 13 SM	8	2.35	3.67	10,296.00
DE 13 A 14 SM	1	0.29	0.50	11,102.10
DE 14 A 15 SM	2	0.59	1.03	11,496.00
DF 10 A 15 SM	89	26.18	35.97	9,061.45
DE 7 A 15 SM	209	61.47	72.74	7,803.28
DL 15 A 20 SM	11	3.24	6.48	13,207.04
+ DE 15 SM	15	4.41	10.31	15,408.64
+ DE 20 SM	4	1.18	3.83	21,463.05
PISO	0	0.00	0.00	0.00
TOTAL	340	100.00	100.00	6,594.26

TABELAS CAPITULO 3

TABELA 22

BRASINCA FERRAMENTARIA S/A

ANO DE 1986

DISTRIBUICAO DOS TRABALHADORES POR FAIXAS SALARIAIS

TABELA EM FUNCAO DO SEXO

FAIXAS SALARIAIS	NUMERO DE TRABALHADORES		Z SOBRE O TOTAL		PARTICIPACAO NA FOLHA %		SALARIOS MEDIOS	
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
Até 1 SM	16		4.78	0.00	0.31		432.00	
DE 1 A 2 SM	1		0.30	0.00	0.07		1,536.30	
ATÉ 2 SM	17		5.07	0.00	0.38		496.96	
DE 2 A 3 SM	19	2	5.67	40.00	1.77	21.81	2,067.35	1,938.60
Até 3 SM	36	2	10.75	40.00	2.15	21.81	1,325.78	1,938.60
DE 3 A 4 SM	10	2	2.99	40.00	1.29	32.52	2,869.35	2,890.95
DE 4 A 5 SM	28		8.36	0.00	4.71		3,744.94	
DE 5 A 6 SM	38	2	11.34	40.00	6.00	32.52	3,514.52	2,890.95
DE 6 A 7 SM	13		3.88	0.00	2.60		4,456.92	
DE 7 A 8 SM	25		7.46	0.00	5.90		5,246.15	
DE 8 A 9 SM	38		11.34	0.00	8.50		4,976.15	
DE 9 A 10 SM	76	2	22.69	40.00	14.51	32.52	4,245.34	2,890.95
DE 10 A 11 SM	31		9.25	0.00	8.43		6,045.32	
DE 11 A 12 SM	45		13.43	0.00	13.55		6,699.80	
DE 12 A 13 SM	44		13.13	0.00	15.08		7,625.45	
DE 13 A 14 SM	196	2	58.51	40.00	51.57	32.52	5,852.35	2,890.95
DE 14 A 15 SM	120		35.82	0.00	37.06		6,870.13	
DE 15 A 16 SM	43	1	12.84	20.00	16.29	45.67	8,424.57	8,118.60
DE 16 A 17 SM	34		10.15	0.00	14.37		9,400.94	
DE 17 A 18 SM	8		2.39	0.00	3.70		10,296.00	
DE 18 A 19 SM	1		0.30	0.00	0.50		11,102.10	
DE 19 A 20 SM	2		0.60	0.00	1.03		11,496.00	
DE 20 A 21 SM	88	1	26.27	20.00	35.89	45.67	9,072.16	8,118.60
DE 21 A 22 SM	208	1	62.69	20.00	72.96	45.67	7,801.76	8,118.60
DE 22 A 23 SM	11		3.28	0.00	6.53		13,207.04	
DE 23 A 24 SM	15		4.48	0.00	10.39		15,408.64	
DE 24 A 25 SM	4		1.19	0.00	3.86		21,463.05	
PISO	0		0.00	0.00	0.00		0.00	
TOTAL	335	5	100.00	100.00	100.00	100.00	6639.61	3,555.54

TABELAS CAPITULO 3
TABELA 23

BRAVOX S/A IND E COM ELETRONICO

ANO DE 1987

DISTRIBUICAO DOS TRABALHADORES POR FAIXAS SALARIAIS

FAIXAS SALARIAIS	NUMERO DE TRABALHADORES	% SOBRE TOTAL	PARTICIPACAO NA FOLHA %	SALARIOS MEDIOS
A. 1 SM	0	0.00	0.00	0.00
DE 1 A 2 SM	3	0.68	0.36	2.433.80
DE 2 A 3 SM	3	0.68	0.36	2.433.80
DE 3 A 4 SM	325	73.70	54.59	3.439.22
DE 4 A 5 SM	328	74.38	54.59	3.430.03
DE 5 A 6 SM	50	11.34	11.36	4.653.66
DE 6 A 7 SM	9	2.04	2.72	6.199.20
DE 7 A 8 SM	59	13.38	14.09	4.889.42
DE 8 A 9 SM	14	3.17	5.11	7.479.15
DE 9 A 10 SM	12	2.72	5.31	9.055.38
DE 10 A 11 SM	26	5.90	10.42	8.206.64
DE 11 A 12 SM	85	19.27	24.51	5.904.10
DE 12 A 13 SM	6	1.36	3.04	10.363.95
DE 13 A 14 SM	5	1.13	2.78	11.396.64
DE 14 A 15 SM	5	1.13	3.22	13.175.64
DE 15 A 16 SM	101	22.90	33.55	6.800.93
DE 16 A 17 SM	16	3.63	9.04	11.565.32
DE 17 A 18 SM	3	0.68	2.18	14.859.40
DE 18 A 19 SM	2	0.45	1.55	15.918.90
DE 19 A 20 SM	0	0.00	0.00	0.00
DE 20 A 21 SM	1	0.23	0.88	17.988.00
DE 21 A 22 SM	1	0.23	0.99	20.208.90
DE 22 A 23 SM	7	1.59	5.60	16.373.27
DE 23 A 24 SM	23	5.22	14.64	13.028.61
DE 24 A 25 SM	4	0.91	4.50	23.025.38
+ DE 15 SM	5	1.13	5.91	24.196.08
+ DE 20 SM	1	0.23	1.41	28.878.90
PISO	0	0.00	0.00	0.00
TOTAL	441	100.00	100.00	4.642.94

TABELAS CAPITULO 3
TABELA 24

BRAXOX S/A IND E COM ELETRONICO

ANO DE 1987

DISTRIBUICAO DOS TRABALHADORES POR FAIXAS SALARIAIS

TABELA EM FUNCAO DO SEXO

FAIXAS SALARIAIS	NUMERO DE TRABALHADORES		% SOBRE O TOTAL		PARTICIPACAO NA FOLHA		% SALARIOS MEDIOS	
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
ATF 1 SM	0		0.00	0.00	0.00		0.00	0.00
DL 1 A 2 SM	3		1.59	0.00	0.69		2,433.80	0.00
AT 2 SM	3		1.59	0.00	0.69		2,433.80	0.00
DF 2 A 3 SM	110	215	58.20	85.32	35.36	75.12	3,399.49	3,459.56
AL 3 SM	113	215	59.79	85.32	36.05	75.12	3,373.85	3,459.56
DL 3 A 4 SM	31	19	16.40	7.54	13.69	8.88	4,670.32	4,626.47
DF 4 A 5 SM	3	6	1.59	2.38	1.78	3.73	6,272.00	6,162.80
DE 3 A 5 SM	34	25	17.99	9.92	15.47	12.61	4,811.65	4,995.19
DL 5 A 6 SM	7	7	3.70	2.78	4.87	5.37	7,356.81	7,601.49
DF 6 A 7 SM	11	1	5.82	0.40	9.39	0.95	9,025.61	9,382.80
DE 5 A 7 SM	18	8	9.52	3.17	15.26	6.32	8,376.63	7,824.15
DL 6 A 7 SM	52	33	27.51	13.10	29.73	18.93	6,045.68	5,681.00
DI 7 A 8 SM	5	1	2.65	0.40	4.92	1.03	10,396.74	10,200.00
DF 8 A 9 SM	5		2.65	0.00	5.39	0.00	11,396.64	0.00
DE 9 A 10 SM	4	1	2.12	0.40	4.95	1.37	13,089.83	13,518.90
DL 9 A 10 SM	66	35	34.92	13.89	44.99	21.33	7,207.60	6,034.05
DF 7 A 10 SM	14	2	7.41	0.79	15.26	2.40	11,523.30	11,859.45
DE 10 A 11 SM	2	1	1.06	0.40	2.81	1.51	14,832.30	14,913.60
DL 11 A 12 SM	2		1.06	0.00	3.01	0.00	15,918.90	0.00
DI 12 A 13 SM	0		0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
DE 13 A 14 SM	1		0.53	0.00	1.70	0.00	17,988.00	0.00
DL 14 A 15 SM	0	1	0.00	0.40	0.00	2.04	0.00	20,208.90
DI 10 A 15 SM	5	2	2.65	0.79	7.52	3.55	15,898.08	17,561.25
DF 7 A 15 SM	19	4	10.05	1.59	22.77	5.94	12,674.56	14,710.35
DE 15 A 20 SM	4		2.12	0.00	8.71	0.00	23,025.38	0.00
1 DE 15 SM	5		2.65	0.00	11.44	0.00	24,196.08	0.00
1 DE 20 SM	1		0.53	0.00	2.73	0.00	28,878.90	0.00
PISO	0		0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
TOTAL	189	252	100.00	100.00	100.00	100.00	5594.8	3,929.04

TABELAS CAPITULO 3

TABELA 25

BRAVOX S/A IND E COM ELETRONICO

ANO DE 1986

DISTRIBUICAO DOS TRABALHADORES POR FAIXAS SALARIAIS

FAIXAS SALARIAIS	NUMERO DE TRABALHADORES	% SOBRE TOTAL	PARTICIPACAO NA FOLHA %	SALARIOS MEDIOS
ATF 1 SM	1	0.22	0.04	402.00
DE 1 A 2 SM	136	30.43	20.88	1,559.08
AT 2 SM	137	30.65	20.92	1,550.63
DE 2 A 3 SM	217	48.55	38.27	1,790.78
AT 3 SM	354	79.19	59.20	1,697.84
DE 3 A 4 SM	38	8.50	10.32	2,757.22
DF 4 A 5 SM	20	4.47	7.14	3,625.37
DE 4 A 5 SM	58	12.98	17.46	3,056.58
DE 5 A 6 SM	10	2.24	4.32	4,385.67
DF 6 A 7 SM	2	0.45	1.00	5,094.15
DE 6 A 7 SM	12	2.68	5.32	4,503.75
DE 7 A 8 SM	70	15.66	22.78	3,304.67
DI 8 A 8 SM	9	2.01	5.35	6,034.00
DF 8 A 9 SM	4	0.89	2.69	6,826.58
DE 9 A 10 SM	2	0.45	1.48	7,515.60
DL 9 A 10 SM	85	19.02	32.30	3,858.47
DF 10 A 10 SM	15	3.36	9.52	6,442.90
DE 10 A 11 SM	1	0.22	0.85	8,670.90
DE 11 A 12 SM	3	0.67	2.78	9,397.90
DI 12 A 13 SM	1	0.22	1.01	10,213.80
DE 13 A 14 SM	1	0.22	1.07	10,869.00
DE 14 A 15 SM	0	0.00	0.00	0.00
DE 15 A 15 SM	6	1.34	5.71	9,662.40
DF 15 A 15 SM	21	4.70	15.23	7,362.76
DE 15 A 20 SM	2	0.45	2.79	14,164.95
DE 15 SM	2	0.45	2.79	14,164.95
DE 20 SM	0	0.00	0.00	0.00
PISO	134	29.98	20.62	1,562.41
TOTAL	447	100.00	100.00	2,271.39

TABELAS CAPITULO 3

TABELA 26

BRAVOX S/A IND E COM ELETROHICO

ANO DE 1986

DISTRIBUICAO DOS TRABALHADORES POR FAIXAS SALARIAIS

TABELA EM FUNCAO DO SEXO

FAIXAS SALARIAIS	NUMERO DE TRABALHADORES		Z SOBRE O TOTAL		PARTICIPACAO NA FOLHA		Z SALARIOS MEDIOS	
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
AL 1 SM	1		0.57	0.00	0.08	0.00	402.00	0.00
DI 1 A 2 SM	9	127	5.11	46.86	2.73	38.50	1,519.13	1,561.91
AT 2 SM	10	127	5.68	46.86	2.81	38.50	1,407.42	1,561.91
DE 2 A 3 SM	106	111	60.23	40.96	37.66	38.87	1,777.08	1,803.86
AL 3 SM	116	238	65.91	87.82	40.48	77.37	145.22	1,674.75
DF 3 A 4 SM	20	18	11.36	6.64	11.30	9.36	2,826.99	2,679.70
DE 4 A 5 SM	9	11	5.11	4.06	6.36	7.90	3,532.63	3,701.24
DL 5 A 5 SM	29	29	16.48	10.70	17.66	17.27	3,045.98	3,067.18
DF 5 A 6 SM	10		5.68	0.00	8.77	0.00	4,385.67	0.00
DE 6 A 7 SM	1	1	0.57	0.37	1.04	0.97	5,198.40	4,989.90
DL 5 A 7 SM	11	1	6.25	0.37	9.81	0.97	4,459.55	4,989.90
DF 6 A 7 SM	40	30	22.73	11.07	27.47	18.23	3,434.72	3,131.27
DF 7 A 8 SM	7	2	3.98	0.74	8.37	2.41	5,983.03	6,212.40
DE 8 A 9 SM	4		2.27	0.00	5.46	0.00	6,826.58	0.00
DL 6 A 10 SM	2		1.14	0.00	3.01	0.00	7,515.60	0.00
DF 7 A 10 SM	53	32	30.11	11.81	44.31	20.65	4,181.27	3,323.84
DE 7 A 10 SM	13	2	7.39	0.74	16.84	2.41	6,478.36	6,212.40
DL 10 A 11 SM	1		0.57	0.00	1.73	0.00	8,670.90	0.00
DF 11 A 12 SM	3		1.70	0.00	5.64	0.00	9,397.90	0.00
DE 12 A 13 SM	0	1	0.00	0.37	0.00	1.98	0.00	10,213.80
DL 13 A 14 SM	1		0.57	0.00	2.18	0.00	10,896.00	0.00
DI 14 A 15 SM	0		0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
DF 10 A 15 SM	5	1	2.84	0.37	9.55	1.98	9,552.12	10,213.80
DE 7 A 15 SM	18	3	10.23	1.11	26.39	4.39	7,332.18	7,546.20
DL 15 A 20 SM	2		1.14	0.00	5.66	0.00	14,164.95	0.00
+ DE 15 SM	2		1.14	0.00	5.66	0.00	14,164.95	0.00
+ DE 20 SM	0		0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
PISO	8	126	4.55	46.49	2.50	38.21	1,562.55	1,562.40
TOTAL	176	271	100.00	100.00	100.00	100.00	2,841.72	1,900.99

TABELAS CAPITULO 3

TABELA 26

BRAVOX S/A IND E COM ELETROHICO

ANO DE 1986

DISTRIBUICAO DOS TRABALHADORES POR FAIXAS SALARIAIS

TABELA EM FUNCAO DO SEXO

FAIXAS SALARIAIS	NUMERO DE TRABALHADORES		% SOBRE O TOTAL		PARTICIPACAO NA FOLHA		% SALARIOS MEDIOS	
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
	1		0.57	0.00	0.08	0.00	402.00	0.00
1 SM	9	127	5.11	46.86	2.73	38.50	1,519.13	1,561.91
2 SM	10	127	5.68	46.86	2.81	38.50	1,407.42	1,561.91
3 SM	106	111	60.23	40.96	37.66	38.87	1,777.08	1,803.86
4 SM	116	238	65.91	87.82	40.48	77.37	145.22	1,674.75
5 SM	20	18	11.36	6.64	11.30	9.36	2,826.99	2,679.70
6 SM	9	11	5.11	4.06	6.36	7.90	3,532.63	3,701.24
7 SM	29	29	16.48	10.70	17.66	17.27	3,045.98	3,067.18
8 SM	10		5.68	0.00	8.77	0.00	4,385.67	0.00
9 SM	1	1	0.57	0.37	1.04	0.97	5,198.40	4,989.90
10 SM	11	1	6.25	0.37	9.81	0.97	4,459.55	4,989.90
11 SM	40	30	22.73	11.07	27.47	18.23	3,434.72	3,131.27
12 SM	7	2	3.98	0.74	8.37	2.41	5,983.03	6,212.40
13 SM	4		2.27	0.00	5.46	0.00	6,826.58	0.00
14 SM	2		1.14	0.00	3.01	0.00	7,515.60	0.00
15 SM	53	32	30.11	11.81	44.31	20.65	4,181.27	3,323.84
16 SM	13	2	7.39	0.74	16.84	2.41	6,478.36	6,212.40
17 SM	1		0.57	0.00	1.73	0.00	8,670.90	0.00
18 SM	3		1.70	0.00	5.64	0.00	9,397.90	0.00
19 SM	0	1	0.00	0.37	0.00	1.98	0.00	10,213.80
20 SM	1		0.57	0.00	2.18	0.00	10,896.00	0.00
21 SM	0		0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
22 SM	5	1	2.84	0.31	9.55	1.98	9,552.12	10,213.80
23 SM	18	3	10.23	1.11	26.39	4.39	7,332.18	7,546.20
24 SM	2		1.14	0.00	5.66	0.00	14,164.95	0.00
25 SM	2		1.14	0.00	5.66	0.00	14,164.95	0.00
26 SM	0		0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
27 SM	8	126	4.55	46.49	2.50	38.21	1,562.55	1,562.40
TOTAL	176	271	100.00	100.00	100.00	100.00	2,841.72	1,900.99